

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

T.C
S.9(c)
3639

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**VIVER AS TRANSFORMAÇÕES NO FUNDINHO:
ANSEIOS DE PRESERVAÇÃO E RECONSTRUÇÃO
DE MEMÓRIAS (1980-2006)**

GEISANE MARTINS RODRIGUES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS
Campus S^{ta} Mônica - Bloco 10 (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Cep 38400-002 Uberlândia - M.G. Brasil

GEISANE MARTINS RODRIGUES

**VIVER AS TRANSFORMAÇÕES NO FUNDINHO:
ANSEIOS DE PRESERVAÇÃO E RECONSTRUÇÃO
DE MEMÓRIAS
(1980-2006)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História, sob a orientação da Profa. Dra. Heloísa Helena Pacheco Cardoso.

Uberlândia, janeiro de 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Cep 38400-902 - Uberlândia - M. G. - Brasil

RODRIGUES, Geisane Martins.

Viver as Transformações no Fundinho: Anseios de Preservação e Reconstrução de memórias (1980-2006)

Geisane Martins Rodrigues – Uberlândia, 2008.

84 fl.

Orientadora: Heloisa Helena Pacheco Cardoso

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Palavras Chaves: preservação, transformações e revitalização.

GEISANE MARTINS RODRIGUES

**VIVER AS TRANSFORMAÇÕES NO FUNDINHO:
ANSEIOS DE PRESERVAÇÃO E RECONSTRUÇÃO
DE MEMÓRIAS
(1980-2006)**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Heloísa Helena Pacheco Cardoso – Orientadora

Prof^o. Ms. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior.

Prof^o. Ms. Ivanilda Aparecida Andrade Junqueira.

*Dedico
A meu esposo e a minha família
pelo estímulo,
carinho e compreensão.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me iluminar nos momentos difíceis.

Ao meu esposo, minha mãe e pai, e aos meus irmãos, pela paciência em me perdoar por todos os momentos que estive ansiosa e nervosa, por me compreender e pelo desejo de ajudar-me.

À minha orientadora, Dra Heloísa Pacheco Cardoso, com a qual aprendi muito e jamais vou esquecer suas orientações. Foi ela que, nas situações mais difíceis, me transmitiu serenidade, sendo paciente comigo e sempre me atendendo com um sorriso alegre no rosto.

À minha amiga Neubiana que sempre estudamos juntas e, às vezes até tarde da noite e que sempre foi uma ótima companheira.

Aos meus amigos e amigas de turma: Jacione, Paula, Mara Luzia, Roselmy, Juliana Rossi e Handel. Amigas e amigos com que conversava sobre os temas estudados, que fizemos bons trabalhos juntos durante o curso e que contribuíram muito para o meu aprendizado.

Aos Profs Ms. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior e a Ms. Ivanilda Aparecida Andrade Junqueira, por terem aceito o meu convite para integrarem a banca examinadora desta monografia.

Enfim, a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para este trabalho, como os moradores do Bairro Fundinho, Sr. Jorge Henrique Paul, Sr. Hélió de Lima e sua esposa Adélia Lima, D. Cidinha Marquez e D. Odeth Guimarães (ex-moradora do bairro), que me concederam as entrevistas e que sempre fui muito bem recebida por eles.

"Às vezes eu paro e penso: que coisa engraçada!... na vida tudo passa. Tudo passará e nada fica. Então parece que vira metamorfose, uma coisa se transforma em outra. Então, quero dizer, que aqui aquele estilo antigo do século XIX transformou, as coisas não são iguais, mudou tudo".

Cidinha Marquez, Dezembro de 2007.

SUMÁRIO

Considerações Iniciais.....	9
Capítulo I: Da Tradição ao Moderno: imagens sobre o Fundinho	16
Capítulo II: Memórias e Histórias de um Bairro.....	39
Capítulo III: “Vamos Revitalizar o Fundinho”: As várias noções e ações de preservação no tempo presente	59
Considerações Finais.....	71
Referências Bibliográficas.....	74
Fontes.....	76
Anexos	82

Considerações iniciais

Ao ingressar no Curso de graduação em História, em 2003, realizei alguns trabalhos de pesquisa e um deles, especificamente sobre o memorialista Tito Teixeira, me despertou interesse sobre a formação da cidade de Uberlândia. Esse trabalho acabou sendo especial para mim, pois através dele conheci no Arquivo Público Municipal de Uberlândia a Dona Ermínia, uma moradora antiga do Bairro Fundinho, pessoa agradabilíssima, que, nos seus oitenta e cinco anos bem vividos, muito me encantou com as suas histórias de vida e, à medida que olhávamos o acervo de fotos antigas da cidade, ela passava a me relatar momentos felizes vividos por ela. Foi então que notei que ela vivenciara muito da história da cidade e, por este motivo, marquei uma entrevista com ela, para conversar sobre os fatos marcantes da vida de Tito Teixeira, que ela conheceu muito bem.

O interessante foi que, durante a entrevista, Dona Ermínia pouco falou de Tito Teixeira, por mais que eu tentasse focar no assunto ela insistia em falar da família Carneiro, que, segundo ela, foi a família mais importante da cidade. Como a entrevista oral é assim, e nem sempre conseguimos todas as respostas que queremos no momento, principalmente quando contamos apenas com a memória de uma pessoa que viveu tantos anos, devemos estar cientes que esses depoimentos não responderão a todos os nossos questionamentos, mas em compensação, quando essas recordações são relatadas podem nos remeter a outras questões. Com a entrevista, uma indagação passou a compor as minhas reflexões: foi o dinamismo dos primeiros moradores do Bairro Fundinho responsável pelo desenvolvimento de Uberlândia?

Recentemente, em meados de 2006, fui convidada para a exposição de fotografias sobre o Bairro Fundinho, realizada pelo fotógrafo Jorge Henrique Paul, no Atelier do artista plástico Hêlvio Lima. Concomitante a este evento acontecia o relançamento do *Jornal Fundinho Cultural*, do qual o senhor Hêlvio é o editor-chefe.

Durante o evento conversei muito com o senhor Hêlvio de Lima e sua esposa, a também artista plástica, senhora Adélia Lima, que apesar de serem moradores recentes do lugar, conhecem muito da História do Fundinho e são seus grandes defensores. Prova disso é o esforço e tempo despendido por eles, que sem nenhum retorno financeiro, editam um jornal que trata apenas de assuntos afetos ao bairro, que atualmente vem passando por profundas transformações.

Defensores da permanência da originalidade do Bairro Fundinho, o Sr. Hêlvio de Lima e dona Adélia de Lima, bem como as pessoas mais antigas que moram no local, deixam

evidente, em seus artigos e depoimentos impressos nas páginas do Jornal Fundinho Cultural, que lutam para que se preserve a memória do bairro.

Após conversas com moradores do local, visualização de fotos antigas e recentes do Bairro e a leitura de algumas edições do Jornal Fundinho Cultural, então, percebi que estava fascinada pela história do Fundinho e decidi que o objeto de minha pesquisa de conclusão de curso seria sobre esse espaço, refletindo sobre as histórias do lugar. Através de leituras sobre o bairro, pude notar a existência de muitos contrastes e, a partir deles, levantei algumas problemáticas que abordo neste trabalho, porém tenho ciência de que, muitas outras questões deverão e serão levantadas, pois o Bairro Fundinho, como qualquer outro objeto de pesquisa, pode nos reservar muitas surpresas.

As problemáticas levantadas servirão para esclarecer como e quando ocorreram as transformações do espaço do Bairro Fundinho e como os sujeitos sociais lidaram e lidam com essas transformações, qual o papel da memória na re-elaboração dos viveres no bairro e ainda como o bairro hoje é visto, pelos sujeitos sociais que acompanharam as mudanças e permanências no seu processo histórico.

Para realizar este trabalho utilizo a fonte oral para estabelecer a relação entre o presente e o passado, mostrando o papel da memória e a sua importância em revelar os “segredos” nela contidos. Foram escolhidas quatro pessoas, com as quais realizei as entrevistas, três delas são moradoras do bairro e uma foi moradora antiga do lugar e que atualmente é moradora do Bairro Martins. Ao escolher essas pessoas para fazer as entrevistas fiquei atenta para a questão da idade e também por serem pessoas que moram lá a muito tempo no bairro, que são apaixonadas pelo lugar e que tem como objetivo preservar e divulgar a história do bairro. A primeira pessoa a ser entrevistada foi o Sr. Hêlvio de Lima: é um artista plástico, que nas suas obras gosta de representar as construções antigas do bairro e apesar de morar a pouco tempo no Bairro Fundinho é um grande admirador e defensor do lugar, pois, de acordo com ele, o lugar é marcado pelas brincadeiras de sua infância e adolescência. O Sr. Jorge Henrique Paull foi sempre morador na Rua Felisberto Carrejo, mas atualmente acabou de se mudar para a Rua Princesa Isabel no Bairro Fundinho, é um fotógrafo e gosta muito de registrar o bairro, principalmente as construções antigas, e fazer um contraste com as novas que vão surgindo a cada dia. Para ele, o lugar traz boas recordações de sua vida. A Dona Odeth Guimarães Vieira é uma senhora aposentada com mais de oitenta anos, que atualmente reside na Rua Estados Unidos no Bairro Martins. Ela foi moradora na Rua Mercedes Brasileiro e relata que sua vivência no bairro foi marcada por boas lembranças do lugar, sendo que, além de moradora foi também professora do antigo Colégio Brasil Central, que

atualmente é uma faculdade. Apesar de ter se mudado do bairro a vinte e seis anos, ela ainda têm contato com o lugar, tem vários amigos e uma casa antiga que faz questão de preservar suas características originais, que atualmente está alugada. E, por fim, a Dona Maria Aparecida Marquez, conhecida como Cidinha Márquez é aposentada com quase setenta anos sempre morou no Bairro Fundinho em frente a Praça Coronel Carneiro e atualmente é moradora da Rua Quinze de Novembro. Ela é uma pessoa apaixonada pelo bairro, chora ao falar das suas vivências no lugar e que ficou muito triste ao presenciar as demolições de muitas construções antigas que fizeram parte de sua história. Todas essas pessoas que entrevistei são pessoas que gostam do lugar, pois o bairro fez e faz parte de suas vidas.

Utilizo, também, outras fontes como o Jornal Correio, Jornal Fundinho Cultural, um mapa antigo do bairro para mostrar como era a divisão do espaço, que foi elaborado pelo engenheiro James Mellor em 1898 e um atual, e documentos que me possibilitaram efetuar análises a respeito das vivências construídas no espaço do Bairro Fundinho. Foram utilizadas algumas imagens fotográficas e pinturas artísticas, estas não foram pensadas como fonte principal, e nem como ilustração, mas foi pensada como representação do Bairro Fundinho.

Farei um breve histórico das fontes jornalísticas que pesquisei para o desenvolvimento do meu trabalho final de curso. O Jornal Correio¹, fundado no ano de 1938 na cidade de Uberlândia pelo Sr. Osório José Junqueira, que veio da cidade de Ribeirão Preto, onde era dono de outro jornal e também produtor rural. No ano de 1940 o jornal *Correio* de Uberlândia, assim denominado desde 1938 até 1986, foi vendido para os srs. João Naves de Ávila, Nicomedes Alves dos Santos e Alexandrino Garcia.

O Sr. João Naves de Ávila² foi um ilustre fazendeiro e grande empresário, dono do Frigorífico Omega, o Sr. Nicomedes Alves dos Santos³, grande negociante de gado zebu, proprietário do Frigorífico Triângulo S/A, da Rádio Educadora e do canal de televisão “Rede Paranaíba”, já o Sr. Alexandrino Garcia foi o fundador do Grupo ALGAR, holding que administra cerca de vinte empresas, atuando principalmente nas áreas de agrobusiness e telecomunicações. A partir de 1986 o Grupo ALGAR passou a ser proprietário majoritário do jornal, alterando sua denominação de “Correio de Uberlândia” para “Triângulo”, e em 1995 a sua denominação passou a ser “Correio”, mantendo-se assim até os dias atuais.

¹ RICCI, Juliana. Alexandrino Garcia Disponível em: <<http://carreirasempregos.com.br/carreira/administração/entrevistas/280901-algar-exame.shtm>> Acesso: 12/09/2006.

² TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central*. História da criação do Município de Uberlândia.

1ª Ed. Uberlândia Gráfica Ltda, 1970. (Volume 2). P. 271-272.

³ Idem. P. 385-390.

Já o *Jornal Fundinho Cultural*⁴ foi lançado em fevereiro de 2002, por iniciativa do artista plástico Sr. Hélyvio Lima, com o objetivo de divulgar a arte, a cultura e a história do bairro. Em suas páginas veiculam artigos relativos a cultura, gastronomia e entretenimento, principalmente com depoimentos de pessoas moradoras do local, revelando aos seus leitores o presente e o passado do bairro. ● jornal é de publicação quadrimestral e a sua distribuição é gratuita, podendo ser encontrado no ateliê do Sr. Hélyvio Lima, na Rua Felisberto Carrejo, 204, Bairro Fundinho.

Os artigos do jornal buscam resgatar a história do bairro e ao mesmo tempo divulgar suas permanências culturais e as atuais manifestações artísticas de arquitetos, decoradores, artistas plásticos, museus, escolas de artes, exposições e artesanatos.

Em cada uma de suas publicações traz entrevistas com os sujeitos sociais que participaram e participam do processo histórico da cidade. Veicula, também, artigos que remetem às indicações das mudanças ou permanências no espaço do Bairro Fundinho, e os maiores objetivos do jornal são resgatar e revelar a história cultural do Bairro, além de lutar pela sua preservação.

De acordo com o Inventário⁵, Fundinho: Um Bairro Histórico para Uberlândia, o Bairro corresponde a um dos primeiros núcleos de povoamento que originaram a cidade de Uberlândia. No ano de 1846, Felisberto Alves Carrejo e Francisco Alves Pereira, filho de João Pereira da Rocha, um dos primeiros moradores do núcleo de povoamento do Sertão da Farinha Podre, solicitaram autorização à Comarca de Uberaba para construção da Capela Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião, mas somente em 1853 ficou pronta sua edificação, quando já havia sido criado o Distrito de São Pedro de Uberabinha. Foi no entorno da capela que se organizou o crescimento populacional da cidade. Esta interpretação é encontrada em vários escritos oficiais sobre a origem da cidade de Uberlândia.

Segundo esses escritos, foi em 1852 que o povoado do Sertão da Farinha Podre passou a denominar-se Arraial de São Pedro de Uberabinha e somente em 1888 foi que ocorreu a emancipação de Uberlândia. Em 1892 a vila adquiriu a prerrogativa de cidade e a partir de 1929 a cidade recebeu a denominação atual de Uberlândia.

⁴ Correio Revista. *Noite Cultural Movimenta o Fundinho*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 19.061, ano 64, 11 jun. 2002, p. D. 01.

⁵ *FUNDINHO: Um Bairro Histórico para Uberlândia. Inventário e Diretrizes Especiais de Uso e Ocupação do Solo*. Realização: Secretaria Municipal da Cultura; Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano; Secretaria Municipal de Trânsito e Transportes; Divisão de Memória e Patrimônio Histórico. Execução: Laboratório de Projetos e Design, Arquitetura e Urbanismo; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, setembro 2004.

No início o crescimento urbano se concentrou principalmente em torno do núcleo central, área urbana onde se localizava o Largo da Matriz, região que se encontrava rodeada por chácaras, trilhas e estradas. Observa-se também, que na região sul, próxima ao córrego São Pedro do Uberabinha, concentrava-se o maior número de chácaras, provavelmente por estar próximo da água, o que facilitava a criação de animais e maior “comodidade” para seus moradores.

A partir do mapa de James Mellor notamos, ainda, a presença de dois cemitérios, um pertencente à Igreja Matriz e o outro construído pela municipalidade. O cemitério da igreja foi desativado e demolido no ano de 1915 para construção da Praça Municipal, onde hoje se encontra instalado o magnífico Palácio dos Leões.

Observa-se, também, a presença da Estação Mogiana, construída no ano de 1895, como incremento comercial, que, de acordo com alguns registros feitos em jornais da época e por alguns memorialistas, esta obra trouxe novas perspectivas de desenvolvimento para o município.

No ano de 1908, o prefeito Alexandre Marquez contratou novamente os serviços do engenheiro James Mellor, agora para elaboração de um projeto que fizesse a ligação do antigo núcleo populacional com a Estação Mogiana. Através deste projeto a cidade ganhou cinco novas avenidas e oito ruas transversais.

A nova região com avenidas largas e arborizadas mudaram o cenário da “antiga” cidade, denominando-se, desde então, como cidade “nova”. Neste contexto, o Bairro Fundinho, parte integrante do cenário da “antiga” cidade, com suas ruas e passeios estreitos, não oferecia suporte para o desenvolvimento econômico tão desejado naquela época, ficando, a partir de então, relegado a um “segundo plano” pela administração municipal.

Alguns registros iconográficos nos mostram que o Bairro Fundinho, até a década de 40, ainda preservava sua arquitetura tradicional, cujas origens remontam ao passado colonial. Na década de 50, a cidade de Uberlândia apresentava um vertiginoso crescimento econômico e populacional e o bairro, por questão de localização estratégica, não poderia ficar de fora do novo projeto urbanístico da cidade, pois toda a mercadoria que entrava e saía, via Estação da Mogiana, com destino ao Pontal do Triângulo e sul de Goiás, teria que necessariamente cruzar as suas ruas.

Mas foi durante as décadas de 70 e 80, que ocorreram as maiores mudanças no bairro. Foi nesse período, infelizmente, que as empresas de construção civil descobrem o Bairro Fundinho como novo “nicho” imobiliário da cidade. Motivadas pela ótima localização e o

fascínio que o bairro exerce sobre as pessoas, começaram a construir e vender, com sucesso, vários edifícios residenciais, iniciando, assim, o processo de descaracterização do Bairro.

Apesar de, nas últimas décadas, o bairro ter sofrido modificações e descaracterizações patrocinadas pela forte especulação imobiliária, o Plano Diretor da cidade, elaborado em 1994, objetivou a identificação o reconhecimento e a proteção dos elementos que conferem particularidade e características do Bairro Fundinho.

Hoje, o Fundinho conta com o reconhecimento da sociedade, em seus diversos segmentos. Como área histórica ele é de grande significado para os seus moradores, principalmente os mais antigos. Seu espaço diversificado conta com importantes bens e equipamentos culturais, sendo lembrado como referência cultural e artística da cidade. Como exemplo pode se citar a festa do Congado, que ocorre todo ano na Igreja do Rosário, construída no bairro especialmente para realização dessa manifestação popular.

Quanto ao que ainda existe de preservado da sua arquitetura antiga, podemos perceber que por trás estão os moradores antigos, pessoas que resistem até a sua morte para preservar o que lhes é de grande valor, o que não é compartilhado pelos seus herdeiros, que, atraídos pela recompensa financeira oferecida pelo setor imobiliário, não importam com a destinação que será dada ao valioso patrimônio histórico que têm nas mãos e acabam dispondo desses bens.

Por outro lado, os arquitetos, com o discurso de conciliar a cidade moderna com a cidade histórica, e de que o conceito de patrimônio histórico amplia as possibilidades de maior integração do “antigo” com a dinâmica moderna da cidade, acabam re-criando novos espaços, ambientes que se tornam chamativos para instalação de lojas, butiques, centros de estéticas, ateliês de arte e decoração, entre outros tipos de comércio.

Desta forma, o que era tradicional e calmo, como a relação de boa vizinhança e a conversa de porta de rua, cedeu espaço para a agitação do moderno e, apesar de tantas mudanças, o bairro ainda guarda muita história, e muitas delas ainda presentes na memória de vários moradores que permanecem em suas antigas construções e tentam resistir ao tempo e à especulação imobiliária.

A denominação de “Fundinho” foi atribuída ao bairro por ele fazer parte de uma área geográfica mais baixa da cidade. Mas no bairro tempos atrás parte do lugar que estava acima da Biblioteca Municipal era chamada de centro pelos seus moradores, e a parte do bairro que ficava abaixo da biblioteca que era denominada de Fundinho, nome que atualmente é apreciado por alguns moradores que o caracterizam como forma carinhosa de tratamento do lugar, e por outros não, que julgam o nome como um caráter depreciativo para o bairro, mas que apesar de não gostarem do nome eles já acostumaram. Hoje o Bairro compreende uma

apreciado por alguns moradores que o caracterizam como forma carinhosa de tratamento do lugar, e por outros não, que julgam o nome como um caráter depreciativo para o bairro, mas que apesar de não gostarem do nome eles já acostumaram. Hoje o Bairro compreende uma área urbana limítrofe do Centro, Bairro Lídice e Bairro Tabajaras. Nos seus limites percebe-se uma distinção no que se refere à arquitetura das edificações, no traçado e largura das ruas e avenidas.(Ver Anexo 2).

Ao desenvolver minha pesquisa no Jornal Correio, meio de comunicação e divulgador das principais notícias da cidade de Uberlândia, e no Jornal Fundinho Cultural, que é um meio de comunicação preocupado em divulgar o espaço do Bairro Fundinho para a cidade de Uberlândia, fiquei atenta a algumas questões que irei desenvolver nos próximos capítulos.

O Capítulo I - “Da Tradição ao Moderno: imagens sobre o Fundinho”. Neste capítulo são narradas as diversas visões sobre o Bairro Fundinho que podem ser percebidas nos documentos da Secretaria de Cultura sobre preservação, nos periódicos, incluindo o Jornal Correio e Fundinho Cultural, e as narrativas das pessoas que lá habitam ou habitaram.

No Capítulo II - “Memórias e Histórias de um Bairro”. Busco nas falas das pessoas, tanto as entrevistas publicadas no Jornal Fundinho Cultural e Jornal Correio, como nas entrevistas gravadas para a pesquisa, como os moradores interpretam suas vivências no Fundinho e o que continua significativo para elas.

No Capítulo III – “Vamos Revitalizar o Fundinho”: As várias noções de preservação no tempo presente. Neste capítulo será abordada, as diversas iniciativas de revitalização/preservação do espaço, desde aquelas empreendidas pelo poder público municipal, como outras iniciativas tomadas por associações ou pelos próprios moradores, buscando seus significados.

Através desse trabalho quis procurar entender como ocorrem as transformações do Bairro Fundinho e como os moradores desse lugar lidam e lidaram com essas mudanças, através dos artigos e entrevistas do Jornal Correio, Jornal Fundinho Cultural e das entrevistas gravadas. Através destas fontes foi possível perceber o sentimento das pessoas em relação ao bairro e também perceber que o lugar foi se descaracterizando talvez por falta de apoio público e campanhas educativas que divulgassem o quanto é importante à preservação do Patrimônio Histórico da cidade.

CAPÍTULO I

Da Tradição ao Moderno: imagens sobre o Fundinho

O Bairro Fundinho ocupa lugar de destaque na imprensa local, no Jornal Correio e no jornal do bairro que é o Jornal Fundinho Cultural. São inúmeras as reportagens, incluindo artigos, crônicas e algumas entrevistas de moradores do bairro. Uma das questões principais que aparece sobre o espaço é a da preservação do patrimônio histórico e cultural do bairro mais antigo da cidade.

O jornal Fundinho Cultural traz as histórias do passado e ao mesmo tempo chama a atenção das pessoas, através de curiosidades, para entender um pouco o que foi o espaço do Fundinho tempos atrás. Esse meio de divulgação expressa seus anseios, tentando divulgar seus interesses e desejos, e esse grupo que participa da publicação deste jornal tem claro o seu objetivo, que é de divulgar o sentido histórico e cultural do lugar para toda sociedade, como também de divulgar esse novo espaço comercial que vem surgindo com o charme de tradicional.

Então nesse processo de revitalização⁶ que ocorre no Bairro Fundinho, espaço que faz parte de uma sociedade marcada pela ânsia da modernidade e progresso, ainda estão presentes interesses relativos ao que é tradicional, como a preservação da cultura. E isso fica explícito nas páginas do jornal.

No Jornal Correio⁷ aparece um artigo que diz respeito às lojas de elites, boutiques que são instaladas em casas antigas, que são preservadas, que convivem bem com o comércio tradicional do bairro, como a loja tradicional de seu Badeco que a 40 anos está no mesmo local, isso acaba trazendo um certo glamour para o Bairro Fundinho. E mesmo que o Bairro Fundinho venha sendo ocupado por lojas luxuosas, ainda se pode encontrar moradores do bairro que ainda resistem e continuam mantendo seus comércios e suas profissões. Como no caso de Sr. Dercídio que é um alfaiate e o Sr. Agostinho que é consertador de sombrinhas e embalsamador de animais, profissões que resistem a modernidade e ao mesmo tempo ainda permanecem nos seus espaços, sem cederem lugar para esse novo tipo de comércio que está

⁶ “Segundo Del Rio (1996: 05), revitalização urbana: “...trata-se de compor objetivos de desenvolvimento de recuperação e preservação de estruturas abandonadas ou deterioradas, intervindo em conteúdos sociais e econômicos através de variados mecanismos de controle e fomento dos processos urbanos”. DEL RIO, Vicente. Apud. ATTUX, Denise. *Revitalização Urbana em Centros Históricos: Estudo de Caso do Bairro Fundinho*. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Área de Concentração em Análise e Planejamento Sócio-Ambiental. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Geografia. Uberlândia (MG), 2001. p. 39.

⁷ Caderno Especial. *Tradição e Glamour fazem crescer a fama do Fundinho*. Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia, nº 20.228, ano 67, 30 agos. 2005. A-18.

tomando conta do espaço do Bairro Fundinho. É por essas pessoas que se nota o quanto bairro é importante para suas vidas. Mesmo que suas profissões não sejam mais rentáveis, ainda permanecem nelas e no mesmo lugar, resistindo à grande pressão imobiliária.

Por o Bairro Fundinho ser o lugar onde deu origem da cidade de Uberlândia, ele é parte da história da cidade⁸ e isso acaba despertando o grande interesse de comerciantes que estão em busca de um lugar de fácil acesso ficando próximo ao centro, caracterizado como um lugar de sossego e tranquilidade, o Bairro Fundinho preenche todos requisitos. Essa questão está expressa em um artigo no Jornal Correio⁹, que mostra o crescente interesse de empresários obterem espaços para seus estabelecimentos comerciais. Por causa dessa crescente onda de novos comércios que acabam se instalando no bairro, a demanda por imóveis no Fundinho é muito grande, o que fez valorizar ainda mais esse espaço, o que torna atrativo para alguns moradores alugarem ou venderem suas residências e saírem do bairro e, com isso, o que era preservado acaba sendo destruído e substituído por novos espaços. Pois sabe-se que quando uma residência se torna uma loja ou qualquer outro tipo de comércio, o espaço é transformado, paredes são demolidas, janelas e portas são descartadas, o que leva ainda mais a descaracterização do bairro, tanto por perda de suas construções, quando pela mudança das pessoas que davam uma significação especial para o lugar.

Ao trabalhar com a imprensa, nós devemos nos ater em certos cuidados e, assim, saber o que é realmente interesse da imprensa, ou seja, dos grupos que dela fazem parte. Além de ser um grande difusor de notícias, a imprensa também expressa seus desejos e anseios nas suas entrelinhas. De acordo com Laura Antunes Maciel é preciso tomar certos procedimentos ao lidar com a imprensa como:

“...é preciso refletir sobre nossos procedimentos e os modos como lidamos com a imprensa em nossa prática de pesquisa para não tomá-la como espelho de expressão de realidades passadas e presentes, mas como prática social constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais. Como expressão de relações sociais, a imprensa assimila interesses e projetos de

⁸ RAMINELLI, Ronald. “*História Urbana*”. In: Domínios da História: Ensaios de Teorias e Metodologia/ Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas(org). – Rio de Janeiro: Ed. Elsevier, 1997 – 14ª Reimpressão. P. 195. “ Cidade: “ Os estudos de Simmel partem do princípio de que o real exprime-se nos detalhes da vida cotidiana, revelando inúmeros aspectos das complexas relações sociais. Cidade, por conseguinte, reúne detalhes preciosos sobre o real, não sendo apenas um aglomerado onde as pessoas fazem trocas comerciais...”

⁹ CHAVES, Frenéia. Investimentos no Bairro Fundinho mescla tradição e luxo. Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia, nº 20.459, ano 68, 19 abr. 2006. B-02.

*diferentes forças sociais que se opõem a uma dada sociedade e conjuntura, mas os articulam segundo a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representa.*¹⁰

Conforme observamos nessa citação, percebe-se a necessidade de dar atenção às formas de analisar a imprensa, porque nela estão contidos vários interesses dos grupos que fazem parte da divulgação dessa fonte de notícias. Para Soene Ozana de Lima,

*“Todo documento é a representação de um grupo social, que em particular não foge da subjetividade que representa, havendo uma representatividade em cada relato, pois, muitas vezes, o jornalista não fala por si, mas representa todo o sistema que se encontra por trás dessas relações. Em cada fato narrado há uma intenção e quase sempre embutida de sentimentos, daí ser necessário também fazer uma leitura minuciosa desse documento, daquilo que os redatores quiseram dizer, mas não disseram. Outras vezes temos que nos ater que quiseram ocultar.”*¹¹

Assim o Jornal Fundinho Cultural e o Jornal Correio que escolhi como fontes de minha pesquisa, constroem suas notícias embuídas de interesses que marcam os acontecimentos do momento e é necessário estar atento a esses indícios presentes nas páginas dos jornais.

Os interesses expressos no Fundinho Cultural referem-se a um espaço diferente do restante da cidade, o local do seu surgimento, e aos comerciantes do lugar que querem divulgar o seu espaço como o único que se situa como “calmo”, onde as pessoas podem transitar pelas suas ruas sem nenhum problema, já que eles prezam pela segurança do local e também por mostrarem que as pessoas que moram lá são pessoas amigas e confiáveis, e que são moradores antigos, passando impressão de que o bairro transmite um ideal de aconchego e liberdade.

E os antigos moradores que lá moram também expressam seus desejos, que é o de preservarem seu local, que tem grande significação para suas vidas, pois foi nele que viveram e fizeram suas amizades e, ainda mais, tiveram os seus melhores acontecimentos. É isso que o

¹⁰ MACIEL, Laura Antunes. *Produzindo Notícias e Histórias: Algumas Questões em Torno da Relação Telégrafo e Imprensa — 1880/1920*. In: Muitas Memórias Outras Histórias. São Paulo: editora Olhos d'Água. 2004. p.15.

¹¹ LIMA, Soene Ozana. *Visões/ Concepções sobre o patrimônio histórico em Uberlândia. 1950 — 1988*. Programa de Pós-Graduação em História. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia (MG). 2007. p. 15.

Jornal Fundinho Cultural sempre traz em suas reportagens, visto que as memórias dessas pessoas sempre ocupam um lugar de destaque no jornal, aparecendo em suas primeiras páginas ou até mesmo por todo o jornal. E são nessas páginas que essas pessoas revelam o seu amor pelo bairro e o jornal expressa esse desejo de preservar e divulgar o local.

Mas o que fica evidente é a pouca atenção dada à preservação da história da cidade de Uberlândia, principalmente pela falta de apoio do poder público, como da Prefeitura Municipal, que em tempos passados, sob o comando de alguns governantes, atuantes apenas quando o assunto era o “desenvolvimento e o progresso”, permaneceram alheios à questão da preservação do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural e, por incrível que pareça, nem uma Secretaria de Cultura existia na cidade até o ano de 1983.

Mesmo com a falta de apoio dos governantes, no momento é importante destacar que um grupo de pesquisadores do Núcleo de Pesquisa e Documentação em História e Ciência Sociais em 1981, elaborou um projeto que visava: “Preservação do Patrimônio Histórico no Município de Uberlândia”, no qual foram desenvolvidas atividades da Universidade Federal de Uberlândia juntamente com a participação da população com o objetivo de preservação da memória da cidade. E na visão de Soene Ozana de Lima:

“A atuação desse núcleo visava “a preservação e a conscientização da sociedade” para com as fontes que chegam do passado e possibilitam reconstruir parte da memória social. Na visão do grupo, a preservação dos imóveis justifica-se pelo fato de estarem presentes na própria vida do moradores, seja no lazer, na educação e em outros âmbitos. No entanto, seu trabalho se destaca pelos inventários, tanto que, no bairro Fundinho, o grupo inventariou uma série de casarões antigos, fotografando a volumetria, estilo de construção e dados referentes às casas”¹².

Somente na administração de Zaire Rezende, no ano de 1983, que se criou uma Secretaria da Cultura para cuidar dos assuntos afetos à história e à cultura da cidade. Só em Junho de 1984 que ela foi oficialmente instalada, sob o comando da Secretária da Cultura Iolanda de Lima Freitas¹³. A partir desse período é que foram efetuados vários tombamentos de bens arquitetônicos, na sua grande maioria localizados no Bairro Fundinho.

De acordo com Soene Ozana de Lima:

¹² Idem. P. 65.

¹³ Idem. P. 58.

*“No Brasil, representantes desses grupos de preservação procuraram criar ou desvincular suas secretarias de outras para que o trabalho nesse setor fosse executado eficientemente e que para suas ações tivessem maior visibilidade. Além disso, havia um desejo de transformação das políticas públicas, desejo esse compartilhado por vários agentes culturais em âmbito nacional que percebiam a descaracterização das cidades e a perda de documentos e referências históricas do patrimônio edificado. Para tanto, mobilizavam-se para essas Secretarias que fossem mais atuantes no que tangia à questão da preservação dos espaços da memória”.*¹⁴

Com a desvinculação das secretarias foi possível uma maior atuação de cada área e, principalmente com a criação da Secretaria de Cultura em Uberlândia foi possível intensificar uma política de intervenções e de conscientização da população sobre a questão do Patrimônio Cultural¹⁵ e também realizar alguns tombamentos de bens públicos que foram e que são importantes para a história da cidade, principalmente porque o Patrimônio Cultural da cidade estava se perdendo.

No começo da minha pesquisa no Jornal Correio, que se deu a partir de 1980, encontrei algumas reportagens sobre a Casa da Cultura, a Biblioteca Municipal e a Praça Clarimundo Carneiro que ficam no Bairro Fundinho. Foi no ano de 1984, quando Zaire Rezende era o prefeito de Uberlândia, que começaram a ser publicados vários artigos no jornal Correio sobre a criação da Secretaria Municipal de Cultura. De acordo com a fala do então prefeito:

“... a criação da Secretaria Municipal de Cultura tem por obrigação preservar a memória da cidade, de levantar e

¹⁴ Idem. P. 58.

¹⁵ De acordo com a Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia; Comphac – Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural de Uberlândia. Patrimônio Cultural: “Patrimônio Cultural está ligado ao sentido de herança, legado. É a soma dos bens culturais que tenham significado e importância para uma sociedade. O Patrimônio Cultural de um povo lhe confere identidade e orientação, pressupostos básicos para que seja reconhecido como comunidade, inspirando valores ligados à pátria, à ética e à solidariedade e estimulando o exercício da cidadania, através de um profundo senso de lugar e continuidade histórica. O Patrimônio Cultural é constituído pelo Patrimônio Material, Imaterial e Natural. Texto retirado: *Patrimônio Cultural. Que bicho é esse?!* Realização: Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia e Comphac. Base de elaboração: IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; IEPHA/MG – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Editoração e arte: Márcio Arantes. Tiragem: 3.000 exemplares. Impresso no Brasil, Uberlândia, Janeiro de 2007. P. 04.

guardar a nossa história e além disso, permitir todas as manifestações culturais do município. ¹⁶

Essa preocupação também faz parte de interesses de algumas pessoas que estão preocupadas em despertar a formação de uma consciência de preservação cultural na cidade, visto que várias construções antigas já haviam sido demolidas, pela “necessidade de modernizar a cidade”. É interessante pensar a forma como o urbano é instituído, construído sobre o reconhecimento das pessoas que atribuem sentidos diversos àquilo que se reconhecem ou não. O que é mais difundido, é mantido socialmente.

Acreditava-se que com o apoio e vigilância da Secretaria de Cultura tornar-se-ia mais fácil efetivar uma política com o propósito de preservação dos bens históricos e culturais. Dentre essas pessoas interessadas no projeto de preservação, estão presentes associações, grupos de moradores, artistas plásticos e outros profissionais liberais que lutaram e lutam pela preservação e divulgação da cultura e memória do bairro.

E mesmo o Fundinho sendo o bairro mais antigo de Uberlândia, não se tinha anteriormente uma política de preservação específica para ele, sendo tratado como qualquer outra área da cidade e dessa forma o bairro foi se descaracterizando. Mas com a iniciativa de muitos moradores do bairro, que mesmo sem apoio, vem lutando para preservar suas características originais, motivados por questões de sentimento e amor que cultivam pelo lugar onde moram. Nesse sentido algumas ações estão sendo implementadas, como o órgão COMPHAC¹⁷ – Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Uberlândia – que tem atribuição de divulgar e estimular, através de campanhas educativas a prática de preservação do Patrimônio histórico e também propor ao executivo municipal o tombamento de bens imóveis e móveis, de propriedade pública ou particular, existentes no município.

O COMPHAC foi criado em 1985, como marco da política de preservação da cidade, permaneceu ativo até 1988. Em 1994 foi aprovado pela Câmara Municipal um Plano Diretor¹⁸ que propunha a reativação do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Uberlândia, que objetivava a preservação do patrimônio cultural da

¹⁶ MARTINELLI, Sérgio. *Zaire inaugurou as obras de remodelação da Praça Rui Barbosa*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 13.961, ano XLVIII, 05 set. 1984, p.06.

¹⁷ Bione, Marcelo Mara. *Uma Introdução à política de preservação do Patrimônio Cultural*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 03, ano I, set de 2002, p. 13.

¹⁸ Conforme disposto no Plano Diretor do Município de Uberlândia. Lei Complementar. nº 078 de 27 de abril de 1994. Disponível em: <<http://www.profelipe.pro.br/dados.htm>> Acesso em: 29/01/2008.

cidade. E junto a isso o Plano Diretor previa a preservação e revitalização do Bairro Fundinho, onde devia ser resguardada a horizontalidade do bairro e preservado as formas das ruas. Mas só foi realmente reativado no ano de 2000.

No ano de 1986 com o governo de Zaire Rezende, foi elaborado um anteprojeto para resguardar o Fundinho do processo de verticalização. A partir de então, o Bairro Fundinho iria receber uma legislação específica que o preservasse. A vereadora Nilza Alves de Oliveira¹⁹ nesse mesmo ano declara ao Jornal Correio a necessidade de se discutir esse projeto de Lei do Executivo que estava em tramitação, o qual dizia respeito aos dispositivos e restrições às construções na região do Fundinho. Para ela o povo devia discutir esse projeto, manifestando suas opiniões, e que caberia à população decidir sobre o destino dessa região. De acordo com Nilza de Oliveira, no Fundinho ainda existiam marcos de grandes fatos da história de Uberlândia e também a presença de antigos moradores que guardam a memória dos tempos tradicionais. Tudo isso foi em vão e a aprovação da lei que preservaria o Fundinho como bairro histórico fracassou e isso se deu devido a pressão dos empreendedores/comerciantes no local. Mas apesar desse conflito, o Bairro Fundinho continuou sendo considerado pela população local como o bairro histórico da cidade.

A iniciativa da vereadora Nilza Alves de Oliveira de colocar as pessoas cientes do assunto é muito importante, dessa forma as pessoas poderiam expressar suas opiniões e ao mesmo tempo o poder público estaria atento aos anseios da população.

De acordo com Michel Bonetti:

*“Antes de analisar a pertinência das ações empregadas em vistas de propor modificações ou reorientações, é importante interrogar as representações que os atores em questão têm desses bairros, das dificuldades que os habitantes enfrentam e dos modos das relações sociais que são desenvolvidas”.*²⁰

Nesse mesmo ano o Coreto, que fica na Praça Clarimundo Carneiro²¹, foi restaurado sob a coordenação da arquiteta Maria de Lourdes Pereira. As obras realizadas no Coreto

¹⁹ MARTINELLI, Sérgio. Vereadora elogia parecer de entidade sobre o “Fundinho”. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 14.362, ano XLIX, 30 abr. 1986, p.06.

²⁰ BONETTI, Michel. *Reconstrução do Espaço Público – A Problemática da Gestão Política e da Gestão Urbana*. In: Espaço e Cultura. São Paulo. Ed: Edusc, nº 18. Maio/99. Tradução de Karim Khoury.

²¹ TRINDADE, Arly. *Obras de Restauração do Coreto da Praça da Prefeitura*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 14.512, ano XLIX, 02 dez. 1986, p.08.

foram a partir de um projeto de restauração, baseado em uma pesquisa histórica e obedecendo às suas características originais.

No ano de 1988 é divulgado em um artigo no Jornal Correio, o tombamento e restauração de seis monumentos na cidade, e isso se deu graças à atuação da Secretaria Municipal da Cultura com o apoio do prefeito Zaire Rezende. Como essa reportagem aparece no último ano desse mandato do prefeito Zaire Rezende, acredito que, ela têm como objetivo enfatizar a atuação do poder público municipal juntamente com a Secretaria de Cultura na preservação do Patrimônio Histórico da cidade. Esse artigo faz referência aos bens tombados: o conjunto arquitetônico da Praça Clarimundo Carneiro, composto pelo Coreto e da sede da Câmara Municipal e o Prédio da Cemig. A Casa da Cultura, que foi o palacete de Eduardo Márquez, a Capela Nossa Senhora do Rosário e três árvores, uma que ficava em frente o antigo supermercado Alô Brasil (hoje o Supermercado Bretas) e duas fora da cidade. (Ver anexo 3 lista). Podemos ver alguns desses prédios tombados logo abaixo:



Coreto. Localização: Praça Clarimundo Carneiro. Fonte: Inventário de Proteção do Acervo Cultural – Uberlândia/MG. Disponível em: http://www3.uberlandia.mg.gov.br/midia/documentos/cultura/patrimonio_bens_tombados.pdf Acesso em: 29/01/2008.



Oficina Cultural. Localização: Avenida João Pinheiro esquina com Rua Tiradentes. Fonte: Inventário de Proteção do Acervo Cultural – Uberlândia/MG. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/midia/documentos/cultura/patrimonio_bens_tombados.pdf> Acesso em: 29/01/2008.

De acordo com a arquiteta Elza Cristina dos Santos²², da Secretaria de Cultura, as casas antigas da cidade estão sendo descaracterizadas progressivamente, por firmas e comércios que no discurso da questão de segurança trocam suas janelas e portas de madeiras por estruturas de ferro, e essas modificações dificultam a questão da preservação da história da cidade do ponto de vista arquitetônico. Para ela, devem ser dados incentivos e esclarecimentos para a população sobre a importância da preservação de nossas histórias. Como se percebe, existe uma grande preocupação sobre a questão da preservação da história da cidade, mas ainda está presente o quanto é árdua essa caminhada de conscientizar a população e principalmente os especuladores imobiliários sobre essa questão.

Mesmo que algumas políticas de preservação não vão sendo cumpridas pelo anseio de alguns grupos que estão interessados no capital, a Secretaria da Cultura está atuando e realizando a preservação do Patrimônio Histórico da cidade.

A proposta do Plano Diretor, elaborado em 1991, previa a delimitação do espaço do Bairro Fundinho, que se caracterizou por Zona Especial de Revitalização (ZER), onde os imóveis deveriam ser preservados e no local promovidos encontros sociais que aproveitassem o potencial do bairro. Mas a criação da ZER não contribuiu quase em nada para a preservação

²² TRINDADE, Arly. *Prédios Tombados; Memória Preservada*. Cadernos do centenário Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 17.753. Agos. 1988, p.10.

do bairro, que continuou sendo um grande atrativo para as empresas construtoras, para comerciantes e ao mesmo tempo para pessoas que querem habitar o espaço “mais charmoso” da cidade. Dessa forma ocorre a necessidade de criação de novas diretrizes de maior impacto, que chame maior atenção para o Fundinho, que de acordo com a arquiteta Denise Attux:

“Para tanto, são necessárias novas diretrizes complementares que, além de preservar o bairro, direcionem as ações de maneira a fortalecer sua imagem e seu potencial, freando a verticalização e a descaracterização do patrimônio edificado que ainda existe no bairro.”²³

O Bairro Fundinho por sua localização estratégica, próxima ao centro da cidade, passou a ter preferência de grandes empresas para construção enormes prédios, alterando de forma inescrupulosa o cenário, bem como os viveres dos antigos moradores do bairro. Porém, apesar de tímidas, percebe-se uma preocupação em preservar o bairro. Em 1986, por exemplo, foi elaborado um anteprojeto que proibia a construção de edifícios no Fundinho e, de acordo com Irany Gonçalves da Costa²⁴ Procurador Geral do Município, o Fundinho, sendo o bairro mais antigo da cidade, suas antigas edificações não suportariam as sondagens para construções de grandes edifícios. Mesmo com as reclamações dos próprios moradores do lugar, de nada adiantou, pois continuam as construções desses prédios no lugar, e mais, essa verticalização vem descaracterizando o espaço do bairro, já que esse tipo de construção aumenta a quantidade de moradores no local e as casas ficam espremidas em meio a esses blocos de concretos.

Ao tempo que esses novos espaços surgem no bairro, como os edifícios residenciais e vários estabelecimentos comerciais, aumenta significativamente a circulação de pessoas e veículos, o que acaba interferindo no modo de vida das pessoas que eram acostumadas com o lugar bem mais tranquilo. O aumento no fluxo de automóveis em suas ruas estreitas causa muitos problemas para os moradores, principalmente para os mais idosos que precisam circular ali mesmo dentro do bairro, e também para aqueles que moram em vias em que os ônibus municipais transitam.

²³ ATTUX, Denise. *Revitalização Urbana em Centros Históricos: Estudo de Caso do Bairro Fundinho*. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Área de Concentração em Análise e Planejamento Sócio-Ambiental. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Geografia. Uberlândia (MG), 2001. p.165.

²⁴ MARTINELLI, Sérgio. *Anteprojeto que proíbe construção de edifícios no Fundinho*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 14.357, ano XLIX, 23 abr. 1986, p.01.

No artigo intitulado “Moradores da Rua Bernardo Guimarães apontam falha e querem providências”, os moradores reclamam dos transtornos que o tráfego de veículos tem causado em suas residências.

*“Segundo dizem os reclamantes, os ônibus, os caminhões, e até mesmo os carros menores passam nos locais das lombadas, provocam fortes tremores que ocasionam aquelas rachaduras nas paredes das residências, assustando as crianças que estão dormindo e, naturalmente dando prejuízos aos proprietários que, consertam as paredes, mas estas voltam a apresentar novas rachaduras.”*²⁵

A partir desse artigo é possível notar as mudanças de rotina na vida dos moradores do Bairro Fundinho, pois o aumento do número de automóveis não só tirou seu sossego e tranqüilidade, mas ao mesmo tempo afetou a estrutura de suas residências, que, por serem antigas sofrem com os danos causados pelo aumento de tráfego de veículos pesados em suas ruas estreitas, obrigando os moradores a re-criar novas formas de vida para se adequar a essas mudanças.

De acordo com Yara Aun Koury, as mudanças e principalmente essas causadas pelo desenvolvimento das técnicas, intervêm nos modos de vidas das pessoas:

*“Com o domínio das técnicas, modifica-se a paisagem urbana, ao mesmo tempo que, as inovações, procedimentos e comportamentos transformam-se na cidade, uma influência mútua e conflituosa”*²⁶.

Isso está presente no Bairro Fundinho, visto que a crescente circulação de automóveis no lugar está causando transtornos aos moradores, tirando lhes da tranqüilidade em que viviam.

Percebe-se, também, que as mudanças não acontecem de forma pacífica, elas acabam gerando muitos conflitos, porque alguns querem mudanças e outros querem permanências, e isso promove embates acirrados na comunidade. O importante é que nos embates está presente a questão da preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Uberlândia e nessas

²⁵ TRINDADE, Arly. *Moradores da Rua Bernardo Guimarães apontam falhas e querem providências*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 14776, ano XLIX, 02 dez. 1987, p.01.

²⁶ KOURY, Yara Aun. *Arquitetura e Arte nas Mutações da Cidade*. In: Projeto História: Espaço e Cultura. São Paulo. Ed: Edusc, nº 18. Maio/99. P. 66.

discussões o Fundinho sempre aparece, por ser o bairro mais antigo da cidade e por ainda possuir muitas edificações que fazem parte do seu passado.

Tanto o Jornal Correio de Uberlândia, quanto o Jornal Fundinho Cultural trazem à tona a questão da preservação do Bairro Fundinho, claro que cada um com o seu objetivo, mas não se pode negar que a atenção que dispensam, quando o assunto é a preservação do Patrimônio Histórico, conseguem sensibilizar diversos setores da nossa sociedade. Haja vista o artigo publicado pelo Jornal Correio, intitulado “*Falta de memória é criticada por profissionais*”.²⁷: nele, os artistas plásticos, historiadores e arquitetos discutem sobre a questão da preservação. Para eles, o Brasil, como um todo, não possui uma cultura de preservação de seu patrimônio histórico e essa discussão ocorreu justamente no mês em que demoliram duas edificações antigas e tradicionais de Uberlândia, o Hotel Goiano e o Bar do Cowboy, que se localizavam próximo a Praça Clarimundo Carneiro.

No ano de 1991, o Conselho Municipal de Preservação Histórica e Artística estava desativado, e dessa forma inexistia a fiscalização em relação à manutenção dos bens históricos. A administração municipal de Uberlândia*, naquele momento, está mais preocupada com o desenvolvimento da cidade, visto que o antigo para ela é sinônimo de atraso, e o que importa é o progresso e a modernidade. De acordo com a arquiteta Maria de Lourdes Pereira²⁸, Uberlândia infelizmente está inserida no contexto de não preservar seus bens históricos e ainda se nota a falta de sensibilidade dos poderes constituídos em preservar um pouco do que ainda resta.

A legislação, tanto atual quanto passada, no aspecto da preservação e tombamentos não tem contribuído com a manutenção das antigas edificações, e de acordo com a historiadora Jane de Fátima Rodrigues²⁹, ela é apenas punitiva, não contribui no que realmente interessa, qual seja, apoio financeiro para preservar os imóveis tombados. A partir disso é possível ver que a maioria de antigos moradores do Bairro Fundinho, sem o apoio devido do poder público municipal para preservar seus imóveis, cedem aos apelos do mercado

²⁷ PESSOA, Carlos Alberto de Lima. *A Falta de História é Criticada por Profissionais*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 15560, 06 jun. 1991, p.23.

* A administração municipal foi exercida no período de 1982-1988 pelo Prefeito Zaire Rezende, do PMDB, que tinha como proposta principal a chamada “Democracia Participativa”. Em 1989, para o 2º mandato de quatro anos assume o poder executivo o Sr. Virgílio Galassi, cujo principal slogan de campanha era o “Desenvolvimento Econômico e Modernização”. Virgílio Galassi governou a cidade por quatro mandatos: De 1970 a 1972 / 1978 a 1982 / 1989 a 1992 / 1997 a 2000. Dados: Disponível: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/cidade_prefeitos.php>. Acesso em 12/01/2008.

²⁸ TRINDADE, Arly. *A História de Uberlândia começa no velho Fundinho*. Jornal Correio Domingo, Uberlândia, nº 77, ano 1, 08 abr. 1990, p. A-05.

²⁹ DECONTO, Jaime. *Patrimônio Histórico: Falta de memória é criticada por profissionais*. Jornal Correio do Triângulo, Uberlândia, nº 15.666, 23 jun. 1991, p. 23.

imobiliário, que depredam o patrimônio histórico. Dessa forma, resistem apenas algumas pessoas que possuem condições financeiras suficientes para manter seus imóveis com suas antigas características.

Moradora do Bairro Fundinho, D. Adélia França, em 1991, momento em que completava quarenta anos que residia na mesma casa, na Rua Augusto César, manifestou o desejo de tomba³⁰ sua casa. Em 2002, quando concedia uma entrevista ao Jornal Fundinho Cultural, sua casa ainda não havia sido tombada; somente depois de algum tempo foi que ela conseguiu realizar seu sonho de preservar o que lhe era de grande importância e ao mesmo tempo para a história da cidade.

Mesmo depois do tombamento da sua residência para o Patrimônio Histórico da cidade, não conseguiu apoio financeiro para restaurar sua casa que estava em processo de desabamento, e como ela era uma pessoa de baixo poder aquisitivo, não conseguiu arcar com as despesas das reformas. Desolada com a falta de apoio do poder público, dois anos antes de morrer pediu para seu sobrinho que entrasse com um processo para desfazer o tombamento de seu imóvel, mas ela veio a falecer antes que o processo obtivesse decisão. Hoje sua antiga casa encontra-se fechada, abandonada e quase “tombada” literalmente.



Casa de Dona Adélia França (1928-2005)
Localização: Rua Augusto César, nº. 101. Bairro Fundinho. Criado por Geisane Martins Rodrigues. Em 28/01/2008. Câmera Digital.

³⁰ De acordo com a Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia; Comphac – Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural de Uberlândia. Tombamento: É um instrumento legal de preservação. Um ato de reconhecimento de valor cultural de um bem, que o transforma em patrimônio oficial. O tombamento não retira a propriedade do imóvel e nem implica em seu congelamento, permitindo transações comerciais e eventuais modificações, previamente autorizadas e acompanhadas, além de auxílio do técnico do órgão competente. Texto retirado: *Patrimônio Cultural. Que bicho é esse? !* Realização: Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia e Comphac. Base de elaboração: IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; IEPHA/MG – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Editoração e arte: Márcio Arantes. Tiragem: 3.000 exemplares. Impresso no Brasil, Uberlândia, Janeiro de 2007. P. 04.

É possível notar que a política de preservação não tem força e apoio do poder público municipal que afirma ter verbas para prestar apoio à preservação dos bens públicos, mas a realidade é outra, e a questão da preservação acaba ficando para segundo plano.

D.Adélia França³¹ foi moradora do Bairro Fundinho desde 1938, quando chegou ao bairro tinha apenas dez anos de idade na entrevista concedida ao Jornal Fundinho Cultural fica um pouco da memória sobre a sua vida no Fundinho, fica também evidente o seu amor pelo bairro e a famosa Rua Augusto César, que antigamente se chamava Rua das Pitangas. Ela diz que o Fundinho foi o centro comercial da cidade, que naquele tempo tinha um grande movimento de pessoas e, apesar do grande movimento, aquele tempo era marcado pela paz e liberdade, sem violência, onde as pessoas viviam em fraternidade. A entrevista com D.Adélia mostra otimismo com o futuro, pois ela ainda acredita no ser humano e na sua evolução cultural, que para ela é marcada pelo amor.

Para D. Adélia as construções simples do bairro têm um grande conteúdo histórico, político e cultural. Histórico por possuir construções antigas e pessoas que a muito tempo residem no local, político porque esse bairro foi um lugar onde moraram pessoas importantes para o desenvolvimento da cidade e cultural, pelo bairro ser palco de manifestações populares como a Festa do Congado realizada na igreja Nossa Senhora do Rosário.

Quando D. Adélia se refere à sua casa, ela diz que a construção tem mais de cem anos e que antes dela vir morar nela, moraram pessoas importantes para a história da cidade. Ressalta a questão das paredes internas da casa serem de pau-a-pique, isso como forma de afirmar: minha casa é antiga mesmo e precisa ser preservada, pois para ela a casa é um bem histórico e fez parte do processo de crescimento e desenvolvimento da cidade, já que nela moraram famílias que fizeram parte da história da cidade. Seu amor pelo bairro e por sua casa era grande:

“Quando cheguei ao bairro, em 1938, aos dez anos de idade, Uberlândia era uma pequena cidade. O Fundinho era o Centro, possuindo um bom comércio e um grande movimento de pessoas. O meu amor pelo Fundinho se justifica pelas boas lembranças que tem marcado toda minha vida aqui. A infância vivida num tempo de paz e liberdade, sem violência e com muita fraternidade. Lembro-me de todas as pessoas que passaram por esta casa, dos amigos, dos alunos, da minha primeira festa de

³¹ LIMA, Héliio. *Adélia França é a história do Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 01, ano I, fevereiro de 2002, p. 02-03.

*aniversário aqui e deste piano que está em minha sala há mais de 50 anos. Resido nesta mesma casa há 64 anos".*³²

Fica claro o valor sentimental do Bairro Fundinho para seus moradores. Nas falas das pessoas está sempre presente o sentimento de nostalgia, quando elas remetem ao seu tempo de infância e juventude no bairro, e isso é uma forma de chamar a atenção para a preservação desse local que tem uma grande importância para elas, um espaço cheio de significados.

O Bairro Fundinho sempre aparece no Jornal Correio como um lugar de discussão por ter grande parte do Patrimônio Histórico da cidade, e a questão da preservação é um problema que está sempre presente nas páginas do jornal. O interessante é que o Jornal Correio de Uberlândia traz artigos que falam da importância da preservação do Bairro Fundinho, por ser um lugar que mostra a estrutura original da cidade e, ao mesmo tempo, faz elogios ao progresso que está chegando no bairro. De acordo com a reportagem de Márcia Regina:

*"O progresso chegou ao "Fundinho" de forma menos intensa, mas, mesmo assim, o velho se mistura ao novo. Dá para compatibilizar casarões de cem anos com edifícios de última geração."*³³

O título do artigo é *"Fundinho" resguarda a memória da cidade*. Percebe-se que a autora quer falar da importância e necessidade de preservação do bairro, mas o que aparece no artigo é que o bairro pode ser descaracterizado, pois a característica antiga do bairro dá um charme nesse moderno que vem ocupando esses espaços tradicionais. A partir disso nota a falta de uma conscientização sobre o valor histórico dessas construções antigas que vêm sendo constantemente demolidas para dar lugar a esses edifícios de última geração. Ressalta que não existe uma necessidade de se construir nesse lugar, pois a cidade oferece tantos outros espaços que poderiam ser habitados e o Fundinho poderia ter suas características originais preservadas, o que é muito importante para a história do lugar, embora reconheça que o antigo e moderno podem conviver.

Mas ainda que apareçam artigos que não dão importância para a questão da preservação, o Jornal Correio traz artigos denunciando a falta de conscientização das pessoas em relação a preservação dessas construções antigas que vêm sendo demolidas

³² Idem. p. 02.

³³ REGINA, Márcia. *"Fundinho" resguarda a memória da cidade*. Jornal Correio do Triângulo, Uberlândia, nº 16.460, 23 jan. 1994, p.09.

constantemente e, ao mesmo tempo, relata a falta de interesse do poder público em intervir nessas ações, que são feitas pela especulação imobiliária, que visa somente lucros.

Não só o Jornal Correio, o Jornal Fundinho também traz vários artigos que expressam a preocupação da preservação do Patrimônio Histórico da cidade. O arquiteto Marcelo Mara Bione expressa sua preocupação com a questão da preservação do Patrimônio Histórico. De acordo com suas palavras:

*“O conceito Patrimônio Histórico se ampliou passando para Patrimônio Cultural, que é constituído pelos bens culturais, que são gerados pelos homens nos seus aspectos emocional, intelectual e material e todas as coisas que existem na natureza.(...) A política Cultural de uma nação é muito importante para a preservação de sua memória, de seus bens culturais. Política Cultural orientam os poderes federal, estadual e municipal, e da sociedade civil para a vida cultural existente em transformação e em formação, levando à preservação”*³⁴

A partir do que foi relatado acima pelo arquiteto Bione, dá para perceber que a questão da preservação do Patrimônio histórico está sendo mais divulgada e esclarecida para a sociedade. E o Bairro Fundinho, por guardar a maior parte do Patrimônio Histórico da cidade, vem ganhado maior importância no que diz respeito à preservação do pouco que ainda resta, mesmo que na prática isto não seja estabelecido.

Em um outro artigo do Jornal Fundinho Cultural também é divulgada a importância da preservação do Patrimônio Cultural que está presente no Bairro Fundinho. Esse artigo relata intensa descaracterização que o Bairro tem sofrido principalmente ao longo das últimas décadas, por causa da forte pressão imobiliária, mas também traz à tona a questão da preservação que foi estabelecida no Plano Diretor da Cidade em 1994. Neste, o bairro recebe um tratamento especial no que diz respeito à preservação do seu espaço. Esse Plano Diretor estabelece que a lei de uso e ocupação do solo delimite a área a ser preservada em que seja mantida a horizontalidade. De acordo com a arquiteta Marília M. B. Vale o prognóstico e a proposição de diretrizes especiais para o bairro compreende na realização de um estudo que considere:

³⁴ BIONE, Marcelo Mara. *Uma introdução à Política de Preservação do Patrimônio Cultural*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 03, ano I, setembro de 2002, p. 13.

*“A preservação do Patrimônio Cultural em sua diversidade; a identificação do patrimônio a ser protegido por tombamento e maior controle da proteção do patrimônio já edificado; a determinação e priorização de usos e ocupações dos lotes e fluxos de veículos compatíveis com a ambiência e as necessidades da população; a melhoria da paisagem construída e a melhoria da qualidade vida da população local e a sua permanência no bairro”.*³⁵

No que se pode perceber, o Bairro Fundinho, por ser o bairro mais antigo da cidade, o local onde deu origem à cidade de Uberlândia e que guarda a grande parte do Patrimônio Histórico da cidade, é tratado por estudiosos e por parte da população do local e de outras regiões da cidade, como um espaço que deve receber cuidados especiais, ou seja, preservado com um bem público. Essa é a opinião de Denise Attux manifestada em um artigo intitulado *“Percepção ambiental e revitalização urbana: o caso do bairro Fundinho”*, publicado no Jornal Fundinho Cultural.

Nesse artigo aparece a seguinte frase:

*“...o Fundinho deve ser tratado e valorizado como um centro histórico, tendo em vista que trata se da origem da cidade e que devemos salvaguardar o que restou do nosso patrimônio”.*³⁶

A partir disso, nota-se que a autora do artigo expressa o desejo e a necessidade de preservação do Bairro Fundinho, visto que nesse lugar ainda existem poucas construções históricas que foram edificadas no início do processo de formação de Uberlândia. E ao mesmo tempo, além de ser o primeiro núcleo de povoamento da cidade, lá ainda estão presentes moradores antigos que participaram do processo de formação e desenvolvimento da cidade. Esses antigos moradores assistiram o processo de descaracterização do lugar em que sempre moraram. Mas esses sujeitos sociais expressam o desejo de preservar um pouco de suas histórias através das vivências no espaço do Bairro Fundinho de antigamente.

³⁵ VALE, Marília M. B. *Bairro Fundinho e a preservação do Patrimônio em Uberlândia*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 05, ano II, setembro de 2003, p. 10.

³⁶ ATTUX, Denise. *Percepção ambiental e revitalização urbana: o caso do bairro fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia nº 05, ano II, abril de 2003, p.13. Esse texto é parte integrante de uma pesquisa realizada no ano de 2000, decorrente da dissertação de mestrado intitulada: *“Revitalização Urbana em Centros Históricos: Estudo de Caso do Bairro fundinho”*.

O arquiteto Roberto Arantes³⁷ ressalta, em um artigo no Jornal Correio, que é necessário desfrutar das vantagens da modernidade, mas ao mesmo tempo defende a necessidade de preservar os valores, como no caso do Bairro Fundinho, que se chamava General Osório, pelo fato de possuir casas antigas, ruas estreitas e íngremes e de ter uma vida própria baseada nesse cenário. Por essas razões, o bairro mesmo que seja um local valorizado, deve ser respeitado nas suas características, já que esse espaço não oferece uma infraestrutura que possa suportar tanto o aumento do número de veículos e de pessoas.

Alguns dos antigos moradores do Bairro Fundinho lutam para preservar a memória do lugar onde sempre viveram, pois em seus depoimentos, publicados no Jornal Fundinho Cultural, são expressos os sentimentos de afeto pelo lugar, pelo espaço que fez e faz parte da história de suas vidas. Por parte desses moradores antigos existe o desejo de preservar a boa vivência que se tinha no bairro de antigamente, que era marcado pela amizade, relação com os vizinhos e pela não violência, já que hoje no bairro as vivências são outras e principalmente a questão da violência, do grande fluxo de carros e da movimentação do lugar, acabam afetando a rotina dos moradores.

No ano de 1988 foi necessária a reorganização do trânsito no Bairro Fundinho, principalmente pelo crescente tráfego de ônibus, automóveis e motos. O Programa de Ação Imediata de Trânsito e Transportes (PAITT)³⁸, fez uma alteração de geometria na Praça Clarimundo Carneiro para visar uma maior fluidez do trânsito, já que em alguns períodos do dia essa região ficava congestionada e causava conflitos constantes por causa da grande circulação. Nessa obra foi criada uma pista exclusiva para ônibus: o grande tráfego de automóveis acabou alterando o espaço da praça para dar lugar a uma maior fluidez no trânsito e, junto a isso, as pessoas que moram no lugar acabaram tendo que re-elaborar práticas de vivências e se adequar à nova figuração do espaço e ao crescente movimento de carros. Dessa forma, as pessoas que estavam acostumadas com a tranquilidade do lugar passam a conviver com a agitação.

Mas mesmo com esse processo de mudanças que vem ocorrendo constantemente, ainda existe um desejo dos moradores do bairro, o de preservação das características originais da arquitetura do Bairro Fundinho, mas isso na realidade acaba não acontecendo, já que o bairro está se transformando em um local comercial o que acaba contribuindo para a crescente circulação de automóveis no lugar. Em trechos de algumas ruas, carros ficam estacionados

³⁷ Caderno Cidades. *Bucólico X Moderno*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 16877, 28 mai. 1995, p.07.

³⁸ TRINDADE, Arly. *PAITT inicia obras na Clarimundo Carneiro*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 14.799, ano XLIX, 05jan. 1988, p.01.

por todo quarteirão, isso como prova da grande circulação de pessoas que passam no bairro todos os dias em busca dos serviços que são oferecidos pelo comércio do local. E, isso é o que acaba contribuindo para as mudanças de vivências e até mesmo contribui para que esses antigos moradores vendam seus imóveis e saiam do lugar onde sempre viveram.

As práticas de descaracterização do Bairro Fundinho estavam ocorrendo por desejos individuais da grande especulação imobiliária e esses não levam em conta o sentimento e o respeito aos antigos moradores do lugar, pois muitos desses têm o desejo de preservar o que é de grande importância tanto para eles, como para a história, já que muitas dessas pessoas têm uma consciência de preservação. Diferente de alguns novos moradores e comerciantes que escolheram morar ou ter seus estabelecimentos comerciais nesse lugar por causa do status, pois, sabe-se que o metro quadrado mais caro da cidade fica no Bairro Fundinho.

Isso acaba sendo muito atraente para as pessoas que esperam ter uma exclusividade na sua clientela. As pessoas que podem frequentar os tipos de serviços prestados no bairro têm poder aquisitivo maior e, dessa forma, o lugar, que é considerado histórico, não é acessível a todas as camadas da sociedade. É acessível somente nos momentos em que ocorre a realização de algumas manifestações populares, mas que depois disso é difícil ver a circulação de pessoas andando a pé pelas ruas do Fundinho. O que se pode ver é a grande circulação de automóveis pelas ruas e a falta de estacionamento pelo congestionamento de carros nas ruas estreitas em alguns pontos do bairro, principalmente no horário comercial.

Dessa forma que o Bairro Fundinho vem se afirmando como um centro de compras e lazer. A cada dia abre-se um novo estabelecimento comercial no bairro, caracterizando ainda mais a exclusividade dos frequentadores desses espaços. De acordo com a reportagem de Sabrina Guerra:

“A opção pelo Fundinho foi do pai das garotas (Larissa e Leticia), que vislumbrou o crescimento da área. A certeza era tanta, que o contrato do aluguel foi firmado para três anos. O investimento no imóvel foi grande. Paredes foram quebradas e teto refeito. Mas, de acordo com Larissa, os gastos valem a pena. “Se depender de mim por aqui sempre”. A comerciante tem consciência de que a quantidade de pessoas circulando nos shoppings é maior, porém, segundo ela, os clientes que vão até sua loja estão realmente interessados em comprar.”³⁹

³⁹ GUERRA, Sabrina. *Fundinho se afirma como centro de compras e lazer*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 19.455, ano 65, 12 jan. 2003. A-7.

Para muitos comerciantes, o interesse de estar no bairro é a questão da exclusividade e dos lucros, pois tudo que é exclusivo acaba tendo que ter um custo maior, só quem pode ter acesso a esse tipo de atendimento são pessoas que podem pagar por isso, o que acaba negando a idéia de divulgação do bairro Fundinho como um espaço histórico, já que as transformações são constantes e os antigos estabelecimentos comerciais ou residências do lugar vão sendo ocupados por esses novos.

Essa re-configuração do espaço do Fundinho, que acaba dando uma nova significação para o bairro, que os arquitetos chamam de revitalização, gera opiniões divergentes entre as pessoas que são residentes no lugar. Para alguns essa crescente onda de comércio no Bairro Fundinho tirou o sossego de antes existia, como aparece na reportagem de Sabrina Guerra:

“Prefiro os antigos vizinhos aos atuais comerciantes, comentou a professora Ana Zacarias, que mora no Fundinho a 23 anos. Na sua opinião, o comércio aumentou o movimento nas ruas, o que tirou o sossego de antes do bairro. “O comércio despertou o interesse dos ladrões e, com isso, aumentou a nossa insegurança” avalia.”⁴⁰

Mas para outros moradores do bairro, o comércio no lugar o deixou mais chique, e que apesar de não freqüentarem as lojas do bairro é importante saber que existem boas opções de compra no lugar. Mas, se elas não têm acesso aos produtos do comércio local, do que vale saber o que eles podem oferecer? O que se pode perceber é que essas pessoas acataram os discursos dos comerciantes e se apropriaram deles, mesmo que esses discursos não correspondam à realidade de vida delas.

O Bairro Fundinho está se transformando e essa mudança tem apoio de algumas pessoas que são adeptas da modernidade e do progresso e, por outro lado, existem pessoas que são contra esse tipo de re-significação do lugar e lutam para preservar o que ainda resta de tradicional do lugar, principalmente o sossego, a boa relação com a vizinhança e a preservação do patrimônio histórico que ainda resiste apesar da forte pressão imobiliária.

Muitos do que esses arquitetos fazem, junto com os donos de estabelecimentos, não pode ser considerado preservação, isso porque acabam por demolir muito dos imóveis antigos, construindo no lugar espaços modernos. Ao mesmo tempo, porque um bairro que era

⁴⁰ Idem. p. A-7.

caracterizado por residências, e por não oferecer estruturas para o comércio por não ter ruas largas, acabou se transformando em mais um espaço comercial do que residencial. Visto que, os arquitetos, com discursos de conciliar o tradicional com o moderno, acabam levando a profundas mudanças no espaço do Bairro Fundinho e, junto a isso, mudanças na rotina de vida dos antigos moradores do lugar.

Mesmo com essas constantes mudanças ainda existe uma luta por preservação, os moradores ao darem depoimentos ao Jornal Fundinho Cultural trazem nas suas memórias as vivências do Fundinho de antigamente, que era de tempos felizes, por não ter tanta violência como se tem hoje no bairro. Mas apesar dessas constantes transformações o espaço aconchegante do Bairro Fundinho continua sendo atraente, pois é um espaço cheio de histórias, um lugar diferente, com suas ruas estreitas, casas antigas e com pessoas amigas que tanto prezam o lugar onde sempre viveram.

Essas pessoas trazem da memória o passado marcante que hoje convive com o presente. Mas que esse passado continua vivo, mesmo sabendo que ele não voltará jamais, a não ser através da preservação dos lugares onde passaram a infância, adolescência e a sua plenitude da vida. E por essa razão essas pessoas lutam para preservação desse lugar, para que outras pessoas, que vierem de gerações futuras ou de outros lugares, saibam a importância do lugar para a história da cidade de Uberlândia. Essas pessoas que lutam para preservar o Fundinho têm em mente que o bairro é de muita importância para a cidade, o começo de tudo que hoje é Uberlândia, o local onde moraram sujeitos sociais que contribuíram no processo de formação e desenvolvimento da cidade.

Nas falas dessas pessoas do bairro em entrevistas concedidas ao Jornal Fundinho Cultural, fica bem claro o sentimento delas por esse espaço de grande valor para suas vidas. Visto que o jornal tem como objetivo fazer a divulgação do Bairro Fundinho como bairro histórico e cultural e ao mesmo tempo chamar a atenção para as variadas atividades comerciais existentes no lugar. Ao mesmo tempo em que não se pode negar as mudanças ocorridas no lugar, o bairro desperta curiosidades por ser um lugar histórico, também desperta o desejo de consumo, pois ele hoje abriga desde um simples consertador de sapatos e relógios, clínicas de estéticas, butiques, empórios, farmácias, ateliês, restaurantes, escolas e empresas de turismo, é um lugar onde pode encontrar de tudo.

Dessa forma, nas entrevistas que o jornal faz aos moradores está sempre a questão de revelar como eram as vivências do bairro, os locais mais marcantes, as pessoas, o amor pelo lugar, como era a relação entre os moradores, etc. São questionamentos que tentam resgatar

um pouco da história do Bairro Fundinho através das memórias dessas pessoas que vivenciaram o passado e agora o presente do bairro.

Um artigo de Rogério Tadeu no Jornal Correio, sobre o morador Deusdete da Silva⁴¹, que é morador e trabalha como sapateiro no Bairro Fundinho a 66 anos, traz a importância do lugar para ele, pois é no bairro que cultivou a grande quantidade de amigos e que sobreviveu de sua profissão, que nos tempos antigos trabalhava até meia noite para atender a quantidade de pedidos que chegava. Mas foi nesse espaço, onde ainda conserta calçados, na Rua General Osório, que presenciou as mudanças do bairro, onde os espaços de casas antigas e de lotes vagos foram cedendo lugar para as construções modernas. Mas o antigo sapateiro permanece até os dias atuais no mesmo lugar, sendo ainda muito conhecido das pessoas antigas do lugar. Conforme o artigo:

*“A reformadora de calçados de Deusdete funciona no Bairro Fundinho desde que foi inaugurada, há 66 anos, e há 53 está instalada em um cômodo de pouco mais de 20 metros quadrados no número 191, na Rua General Osório. De lá, o sapateiro conta que presenciou muitas mudanças na cidade, e principalmente no bairro. A oficina de reformas mantém a tradição do “dedo de prosa”, o sapateiro sabe tudo sobre os moradores mais antigos do bairro”*⁴²

Fica claro o valor sentimental do Bairro Fundinho para seus moradores. Nas falas das pessoas está sempre presente o sentimento de nostalgia quando elas se remetem ao seu tempo de infância e juventude no bairro, e isso é uma forma de chamar a atenção para a preservação desse local que tem uma grande importância para elas.

E isso fica presente quando aparecem sujeitos sociais que lutam para permanecerem no lugar onde sempre viveram, pois esse espaço tem um grande valor afetivo e sentimental para esses sujeitos. Em um artigo do Jornal Correio uma professora chamada Edith Costa Pereira⁴³, que no ano de 2005 estava com 88 anos e que nasceu na mesma casa na Praça Cícero Macedo, fala do seu desejo de preservar esse imóvel que tem grande significação para ela e a dona Lina dos Santos Moraes, que mora no bairro a quase 60 anos, declara os seus sentimentos sobre o lugar.

⁴¹ TADEU, Rogério. *Há 66 anos Deusdete Silva trabalha e cultiva amigos no Bairro Fundinho*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 19.819, ano 66, 18 jul. 2004. B-02.

⁴² Idem. p.B-02.

⁴³ SILVA, Selma. *Daqui ninguém me tira*. Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia, nº 20.092, ano 67, 17 abr. 2005. B-02.

Para dona Edith, foi desse lugar que ela viu a transformação do Bairro Fundinho que era um lugar tranquilo, onde circulavam poucos carros e que hoje a grande movimentação de carros acaba gerando problemas para o lugar, junto a isso o crescente número de estabelecimentos comerciais, como bares e escolas, que aumenta a circulação noturna de pessoas pelo bairro, acaba tirando a tranquilidade que a tanto tempo moram ali. Mas mesmo que dona Edith seja contra essas transformações e essa grande movimentação no Bairro Fundinho, ela não pretende vender seu imóvel, pois além de querer continuar morando no mesmo lugar ela ainda faz questão de manter as características originais de sua casa.

D.Lina dos Santos Moraes, mesmo ela vivenciando as grandes transformações no bairro, ainda permanece no mesmo lugar, mesmo cercada de prédios, resiste também ao forte assédio da pressão imobiliária. E afirma: *“A gente não interessa em vender mesmo se for uma boa proposta”*.⁴⁴

A partir disso é possível perceber que alguns moradores do Bairro Fundinho têm o desejo de preservar e ao mesmo tempo de continuar morando no bairro, apesar do bairro estar em constantes transformações que interferem em seus modos de vida, mas mesmo assim, essas pessoas acabam re-elaborando seus viveres no Bairro Fundinho e preservam suas construções, já que o estar no bairro tem um grande valor sentimental para suas vidas.

No capítulo seguinte irei discutir, a partir das entrevistas nos jornais e da entrevista gravadas, como os moradores interpretam suas vivências no bairro e como continua o significado do lugar para elas, mesmo com as constantes transformações que estão ocorrendo.

⁴⁴ Idem. p. B-02.

CAPÍTULO II

Memórias e Histórias de um bairro

Neste capítulo além de trabalhar as entrevistas do Jornal Correio e Fundinho Cultural, também utilizo as fontes orais para interpretar as vivências e o que continua sendo significativo para os moradores do Bairro Fundinho. As entrevistas foram realizadas com três moradores do bairro e com uma moradora antiga do lugar que se mudou e que atualmente mora no Bairro Martins.

Nas entrevistas foram feitas várias perguntas que dizem respeito à vida, às mudanças ocorridas no bairro e o significado do Bairro Fundinho para essas pessoas. Cada entrevistado expressou o quanto o bairro é importante para eles, e como ele faz parte de suas histórias de vida e da cidade.

Utilizo as entrevistas como fontes para desenvolver esse trabalho, e trabalhar com a fonte oral é muito importante e interessante, pois através delas poderemos compreender os significados dos acontecimentos. Conforme Alessandro Portelli:

"... a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas mudanças forjadas pela memória. Essas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar o sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico".⁴⁵

A história oral é importante para nos orientar nesse processo de reconstruções e desconstruções dos acontecimentos e ao mesmo tempo, à busca do sentido para o passado não apenas pelo que as pessoas fizeram, mas pelo que objetivavam fazer e que no presente acreditaram ter feito. Dessa forma a fonte oral nos traz muitas surpresas e as narrativas revelam coisas que nem imaginamos.

A fonte oral nos possibilita uma melhor compreensão sobre o passado, feitos que nem sempre estão presentes em documentos, que as interpretam conforme os interesses no momento. A memória viva pode nos proporcionar uma relação com o vivido. E nós

⁴⁵ PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. In: Revista Projeto História. São Paulo: EDUSC – Editora da PUC, S.P. nº 14, fev. 1997. p. 33.

historiadores e entrevistadores, através de nossas indagações, conseguimos recuperar através das palavras, dos silêncios, das emoções, da raiva, das expressões, o significado de vários acontecimentos vividos pelas pessoas nas suas trajetórias.

Trabalhar com a fonte oral é muito gratificante, a entrevista é uma troca entre entrevistado e entrevistador, e dessa forma conseguimos estabelecer uma relação de igualdade, no qual nossos interesses também fazem parte dos interesses dos entrevistados, pois, eles expressam seu sentimento pelo assunto e acabam revelando várias coisas que nem pensamos em questionar.

Também devemos levar em conta que a memória gira em torno da relação passado-presente, e isso acaba se transformando em um processo contínuo, no qual são reconstruídas e transformadas as vivências lembradas. E assim, os acontecimentos do passado passam a ser relatados do ponto de vista do presente.

A partir disso, ao trabalhar com as narrativas orais respeitei o ponto de vista de cada entrevista, pois são diferentes sujeitos. Conforme Alessandro Portelli:

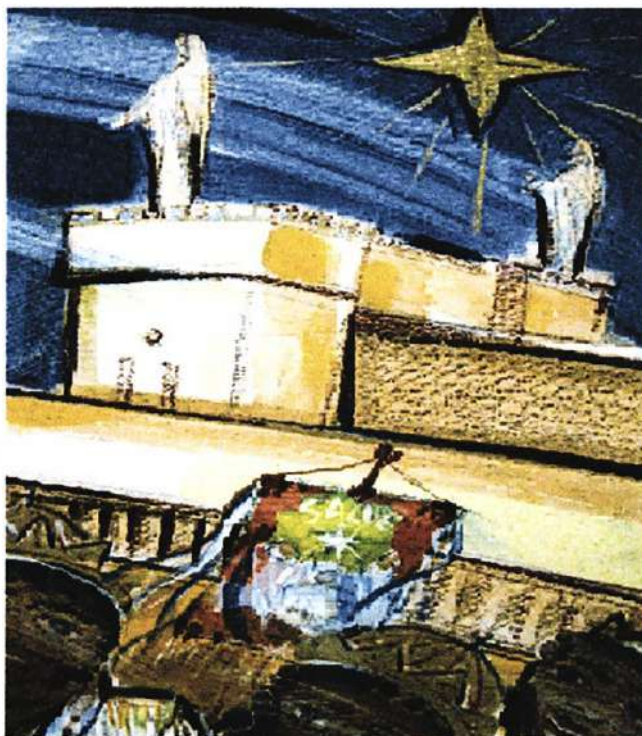
*“O respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo é, portanto, uma das primeiras lições de ética sobre a experiência com o trabalho de campo na História Oral.(...) Cada pessoa é uma amalgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas... Como historiadores orais, nossa arte de ouvir baseia-se na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa experiência”.*⁴⁶

Cada pessoa que entrevistei teve a sua particularidade, mas o objetivo é esse trabalhar as diferentes narrativas e através delas identificar, avaliar e explicar as possibilidades e os limites presentes na realidade social. No caso do Sr. Hélyio de Lima ele me pediu que passasse para ele a entrevista transcrita para que pudesse fazer algumas modificações em relação à gramática, às respostas e também para acrescentar alguma coisa que ele gostaria. E como as falas eram dele, atendi ao pedido. Quero esclarecer que a entrevista do Sr. Hélyio de Lima, utilizada ao longo desse trabalho de final de curso, tiveram algumas modificações nas respostas em relação à entrevista original, mas acredito que essas mudanças também são importantes. Esse procedimento não foi utilizado nas demais entrevistas.

⁴⁶ PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. In: Revista Projeto História, São Paulo: EDUSC – Editora da PUC, S.P. nº 15, abr. 1997. p. 17.

Tanto nas entrevistas gravadas, quanto nas entrevistas publicadas no Jornal Fundinho Cultural e no Jornal Correio são trazidos à tona o sentimento, o valor e o carinho que essas pessoas têm pelo Bairro Fundinho, quando são divulgadas as vivências no lugar.

O Sr. Hélyvio de Lima é um artista plástico que nasceu em 1947, na cidade de Uberlândia, no Bairro Martins, que fica próximo ao Fundinho. E há oito anos é morador do Bairro Fundinho, na Rua Felisberto Carrejo nº 204. No decorrer da entrevista o Sr. Hélyvio foi relatando o quanto tem sentimentos pelo lugar. Diz que desde criança brincava pelas ruas do bairro e na Praça Clarimundo Carneiro, onde gostava de brincar no Coreto, lugares que estão presentes em suas memórias. Para ele o Bairro Fundinho traz boas lembranças e também serve de inspiração para a produção de suas obras artísticas. Muitas de suas obras são representações de espaços do bairro, como por exemplo, o Coreto da Praça Clarimundo Carneiro, o Colégio Nossa Senhora, entre outras representações que ele constrói, a partir de como ele vê o lugar que vive e como o pensa. São formas pelas quais ele, como sujeito histórico, divulga o bairro e atribui sentidos a ele através de suas pinturas. Como podemos perceber, ao visualizá-las logo abaixo:



Representação 1: Hélyvio de Lima. Capela e Reisado. Técnica Mista (tinta acrílica, pastel oleoso e lápis de cor sobre cartão rígido). 50 x 30 cm. Este trabalho faz parte da série Anunciação que foi exposta em réplicas no Colégio Estadual de Uberlândia em dezembro de 2007 durante o evento Janelas Encantadas e os originais expostos na Galeria Lourdes Saraiva também em dezembro de 2007.



Representação 2: Hélio de Lima. Festa no Coreto. 2001. Técnica Mista (tinta acrílica, pastel oleoso e lápis de cor sobre cartão rígido) 30 x 20 cm. Este trabalho faz parte do acervo de uma colecionadora que reside em Nova Jersey. EUA.

Morar no Bairro Fundinho para o Sr. Hélio é muito significativo, pra ele o lugar tem uma particularidade que é o carinho e entrosamento que existe entre as pessoas, principalmente as pessoas mais idosas que têm muito para contar da história do bairro que se entrelaça com a história de suas vidas. Para ele o Bairro Fundinho tem um significado muito especial, que ele demonstra na harmonia que acaba sendo expressa em suas criações artísticas, através das cores, formas e traços.

O Sr. Hélio de Lima por ter um grande sentimento pelo bairro tomou iniciativa de publicar um jornal para divulgar a história e cultura do bairro. O jornal é visto como forma de preservar a memória do lugar, pois nas páginas aparecem vários depoimentos de moradores antigos, contando como era viver no Fundinho de antigamente. Acredito que essa iniciativa foi muito importante para divulgar a história do lugar, visto que, através das entrevistas concedidas ao Jornal Fundinho Cultural, pode-se perceber um pouco do lugar que deu início à cidade de Uberlândia. E ao mesmo tempo também compartilhar o afeto que esses antigos moradores têm por esse lugar que foi se descaracterizando ao longo do tempo.

Quando pergunto ao Sr. Hélio sobre o crescente número de lojas que estão vindo para o bairro, ele relata que:

*“Olha, eu não sou uma pessoa mais indicada para elaborar um conceito técnico sobre isto, mas posso falar da experiência de residir aqui. O Bairro vai se transformando aos poucos em local comercial, principalmente a sua parte mais alta. Os moradores alugam ou vendem seus imóveis para que eles possam sofrer as transformações de modernas arquiteturas. Os inúmeros edifícios aqui erguidos e as consequências da verticalização transformaram bastante a harmonia do bairro, isto foi parcialmente interrompido graças a umas leis que foram criadas. Um bairro de ruas estreitas e infra-estrutura de saneamento bem antigo não pode suportar um movimento destes. O trânsito nas ruas com um grande volume de veículos tumultua um pouco e o bairro não está preparado para isto”.*⁴⁷

Apesar de também ser comerciante no lugar, o Sr. Hêlvio de Lima não aprova algumas mudanças, principalmente no que diz respeito a verticalização que se iniciou nos anos 80, como também a grande circulação de veículos pelo bairro, já que as construções do lugar não possuem estrutura para tanta movimentação. E acredito que, por ser ele também comerciante, acaba aprovando algumas mudanças, como, por exemplo, a de uma construção antiga ser transformada em comércio, dando assim uma nova conotação para o lugar, transformando o que era residencial e antigo em comercial e moderno.

O Sr. Hêlvio acrescenta que morar no Fundinho é muito bom, pois o lugar é aconchegante, apesar do movimento de pessoas e veículos que se intensifica a cada dia. Mesmo com muitos moradores se mudando e as suas casas transformando-se em comércios refinados, para ele ainda é muito prazeroso residir no bairro. Mas será que estes moradores que estão mudando do bairro estão de acordo com essas transformações, ou estão saindo do lugar porque o bairro já não oferece a tranquilidade de antes?

O outro depoente é a D. Odeth Guimarães que está com 88 anos, professora aposentada, que nasceu na cidade de Monte Alegre (MG). Atualmente é moradora do Bairro Martins. Foi moradora no Bairro Fundinho de 1960 – 1974, ainda tem sua antiga residência na Rua Mercedes Brasileiro nº 44 e faz questão de preservar as características originais de sua casa.

Ela faz referência ao Bairro Fundinho de antigamente como um lugar onde moravam pessoas trabalhadoras e humildes e, afirma que o bairro foi o começo da cidade. Quando pergunto como eram as construções naquela época, ela responde de forma bem alegre:

⁴⁷ Hêlvio de Lima. Entrevista concedida a Geisane Martins Rodrigues em 07 de novembro de 2007.

“...As ruas já como diz asfaltadas, as casas...sempre de forros de madeiras, inclusive a minha ainda está com forro de madeira e sempre quintais grandes....era mais ou menos uma vida rústica! Toda casa tinha quintal, quintal grande!”⁴⁸

D. Odeth tem um certo saudosismo pelo passado que viveu no Bairro Fundinho. Dizendo que pretende preservar a residência que possui lá até o final de sua vida, afirmando que quer conservá-la com suas características originais. Esse também é o sentimento de seus filhos que pretendem preservar o imóvel e não querem vendê-lo, pois casa e o bairro traz boas recordações do passado. Ela explica que não mora mais na casa porque é muito grande e, como mora sozinha, acha melhor morar em uma casa menor. Fala, ainda, que sempre está indo ao bairro e que tem alguns amigos que moram no Fundinho.

Ao falar das convivências com as pessoas do bairro, ela ressalta o quanto a amizade era verdadeira, e que não havia nenhuma inimizade. Dessa forma, percebi o quanto o Bairro Fundinho é significativo para algumas pessoas, todas as recordações do lugar remetem a boas lembranças. A sua memória traz o bairro como um lugar conservado, e ainda como um lugar residencial.

E quando pergunto como ela vê o Bairro Fundinho hoje, ela responde:

“Ah! Valorizadíssimo! É, a relíquia de Uberlândia tá sendo o Fundinho!...Tanto que você pode ver o movimento...da cidade, o valor que eles estão dando lá!”⁴⁹

Com essa forma de expressar sobre o bairro de hoje, percebi que ela está muito feliz pela valorização do lugar onde morou e principalmente pelo seu imóvel, apesar de relatar que não tem vontade alguma de vendê-lo, e isso se deve às boas recordações dos tempos que morou. Acrescenta ainda que tem muitas saudades daquelas vivências, mesmo que a vida naquela época tenha sido mais penosa que hoje.

Continuando com a fonte oral para trabalhar as diferentes visões sobre o bairro, o seguinte entrevistado é o Sr. Jorge Henrique Paul que atualmente é fotógrafo amador, nasceu em 1946 na cidade de Itumbiara (GO) e mudou para a cidade de Uberlândia no ano de 1962, na Rua Felisberto Carrejo no Bairro Fundinho. Morou nesta rua de 1962 até novembro de 2007. Atualmente continua morando no bairro, só que na Rua Princesa Isabel.

⁴⁸ Odeth Guimarães Vieira. Entrevista concedida a Geisane Martins Rodrigues 12 de novembro de 2007.

⁴⁹ Idem.

Ao falar da opção da família dele escolher o Bairro Fundinho para morar, ele relata que foi por o bairro ser próximo ao centro da cidade. E quando pergunto como era viver no Fundinho de antigamente, ele afirma que “o Fundinho de antigamente era muito bom!”⁵⁰. Era um lugar calmo e perto de tudo e que naquele tempo podia se divertir na rua e nos terrenos vagos, jogando bola e soltando papagaios. O Sr. Paul também faz referência à carroça que entregava pão, leite e que vendia verdura, de porta em porta, e que isso “era muito bom”. Fala que a relação com as pessoas no bairro era de amizade como se fosse uma família, as pessoas moradoras do bairro eram muito amigas, tinha-se uma conversa de porta de rua, as vivências no bairro eram bem de família.

Ao perguntar se ainda permanecem alguns modos de vida de antigamente ele responde:

*“Permanece!...se eu for andar a pé lá no bairro, se eu andar cinco quarteirões eu tenho que parar né!... de duas a três vezes para conversar, ou então falam: o Jorge não me conheceu. o Jorginho porque a gente é..., conhece todo mundo né!... e está acostumado com isso... Então ainda permanece..., assim, menos é lógico, claro que uma dona de uma loja que chegou lá não vai parar a gente e conversar né? Mais o resto que ainda sobra lá permanece!, e tá sobrando bem menos!, tá sobrando pouco já!”*⁵¹

A partir dessa narrativa é possível perceber que pouco das formas de vivências do passado ainda existem no Fundinho, mas só que a cada dia estão se transformando, já que os comércios estão tomando conta do lugar e que os moradores antigos do bairro estão percebendo essas mudanças. Essa forma de se relacionar com aos antigos amigos está ligada a um ato de reconhecimento e carinho entre eles, pois parar, cumprimentar um amigo é um ato de solidariedade e respeito. Percebi através da entrevista que existe um sentimento nostálgico por esse tipo de vivência, apesar de o Sr. Jorge Henrique Paul estar aprovando as mudanças que vêm ocorrendo constantemente no bairro.

Para o Sr. Paul morar no bairro é muito bom, o bairro é “característico”, mas que chegou à conclusão que o lugar tornou-se mais comercial do que residencial e que acha estranho isso. Ele sempre trás de sua memória os modos de vida do bairro de antigamente, que era viver em um lugar sossegado, tranquilo, pouco barulho e pouco movimento de automóveis.

⁵⁰ Jorge Henrique Paul. Entrevista concedida a Geisane Martins Rorigues em 29 novembro 2007.

⁵¹ Idem.

Um dos lugares do Bairro Fundinho que foi marcante para o Sr. Jorge H. Paul foi à Rodoviária que ficava onde hoje é a Biblioteca Pública Municipal. A Rodoviária ficava a três quarteirões de sua casa e sempre ele estava por lá, esperando o ônibus chegar para pegar o leite que vinha da fazenda deles. E isso foi muito marcante para ele. Os modos de vida de antigamente estão presentes nas suas falas:

"...Então, meus amigos e minha família, o método de vida da gente, o próprio método de vida! Foi muito bacana...Morava-se bem!...por exemplo, assim, antigamente o povo gostava de sentar no passeio, né! Lá no Fundinho o povo sentava no passeio! No Fundinho!, sentar ali era bacana!, era comum isso!"⁵²

Para ele as vivências no bairro foram marcadas por muitas coisas boas, como o estilo simples de viver, a relação de amizade, de divertimento e de sossego. No bairro não tinha violência, podia-se sair pelas ruas ir nas casas dos amigos e sentar à tarde na porta da rua e ficar conversando: este era um costume dos moradores do bairro. Hoje esses modos de vida se alteraram e afirma: *"A vida moderna chega, e muda tudo!"⁵³*

D. Maria Aparecida Marquez, conhecida como Cidinha Marquez, aposentada, nasceu em 1938 em Uberlândia, em frente a Praça Coronel Carneiro em uma residência onde hoje é o Edifício Rita Fonseca, nome dado em homenagem à sua mãe. D.Cidinha Marquez é de uma família tradicional de Uberlândia, seu bisavô era o Sr. Alexandre Marquez e seu tio José Fonseca e Silva, ambos foram prefeitos de Uberlândia.

Moradora do Bairro Fundinho há 69 anos, D. Cidinha Marquez é uma amante do lugar, e quando eu a procurei para falar sobre o Fundinho ela ficou muito feliz, mas quando cheguei para entrevistá-la, e comecei a perguntar sobre o bairro, ela caiu em prantos, então, marquei outro dia para continuar a entrevista que foi realizada com muita emoção.

Ao falar de como era viver no Fundinho, D. Cidinha falou da tranquilidade que se tinha no bairro, todos podiam sair de suas casas e caminhando pelas ruas do lugar com a maior tranquilidade. Que as pessoas que moram no bairro são pessoas boas, que têm uma boa relação de amizade, mas reclama que o lugar virou comércio e que tudo está mudando. E nas suas falas está sempre presente a questão da violência que vem aumentando no bairro.

D.Cidinha é grande admiradora do bairro e acrescenta:

⁵² Idem.

⁵³ Idem.

"...Esse bairro aqui!, eu acho que é tudo de bom!, não tem nada ruim, nada!. Adoro a Biblioteca Municipal, adoro a Casa da Cultura..., adoro ali a Praça Coronel Carneiro!, apesar que modificou aquela praça, eu preferia a praça de antigamente!. ...era mais interessante e mais bonita!"⁵⁴

A partir dessa narrativa percebi o quanto D. Cidinha tem sentimento pelo bairro que viveu desde criança e também percebi o seu amor pelas construções, ou seja, lugares antigos que ainda permanecem. Através das narrativas ficou claro o seu desejo pela preservação do bairro. E por ser moradora há muito tempo do lugar, presenciou a demolição de várias construções antigas que ela freqüentava em tempo de criança, que foram demolidas para dar lugar aos edifícios. Ela caracteriza esse tipo de atitude um absurdo:

"...Não gosto, eu acho um absurdo aquelas casa lindas!, aqueles casarões que existia ser demolidos para fazer essas casas modernas, uns caixotes, sem estilo, sem nada. Então as casas de antigamente eram muito bonitas!, muito bonitas mesmo!...Até as praças eram mais bonitas, eram lindas!"⁵⁵

D. Cidinha ao falar dessas demolições fica muito triste, e afirma que foi por falta de uma política de preservação que o bairro foi perdendo suas construções antigas que faziam parte da história da cidade. Em sua narrativa mostra o quanto ela desaprova esse processo de mudanças que ela presenciou. Ela se refere às construções antigas com grande sentimento e fala da Casa Carneiro que não podia ter sido demolida pra construir uma casa moderna.

As vivências no Bairro Fundinho de antigamente são trazidas pela sua memória com muito saudosismo, a relação com a vizinhança era boa e as tardes no bairro eram tranquilas: colocavam os tamboretas nas portas das ruas e iam conversar com os amigos, iam nas casa dos vizinhos, tomavam café e conversavam. Mas ao falar dos tempos atuais disse que isso não existe mais e que se for sentar na porta da rua a pessoa pode ser assaltada; a circulação de automóveis pelo bairro é muito grande e que as têm que tomar cuidado. E disse ainda que a grande circulação de ônibus e carros em algumas ruas do bairro faz muito barulho e também fica difícil circular a pé.

Ao falar dos modos de vida no bairro atualmente, ela fala que a modernidade chegou, que as coisas foram mudando, que as casas antigas foram demolidas e no lugar foram

⁵⁴ Maria Aparecida Marquez. Entrevista concedida a Geisane Martins Rodrigues em 05 de dezembro 2007.

⁵⁵ Idem.

construídas casas com arquiteturas modernas, o bairro foi se transformando em comércio e quase não se conversa com as pessoas nas ruas mais, que é só cumprimentar e pronto. E acrescenta: *“Então que aqui aquele estilo antigo do século XIX, mudou, transformou, as coisas não são iguais, mudou tudo, tudo, tudo, as praças, as ruas, mudou”*.⁵⁶

D. Cidinha também está questionando a crescente violência no bairro, fala dos roubos constantes de automóveis e que antigamente não existia esse tipo de coisa no lugar. Para ela, as vivências de antigamente no bairro eram melhores, vivia-se se tranquilamente e que não se preocupava com tanta violência como a que está tendo hoje em dia.

A questão relativa à violência no bairro não está só presente nas narrativas de D. Cidinha Marquez, estão presentes também nas falas do Sr. Hélió de Lima e do Sr. Jorge H. Paul. Para eles, mesmo que esteja acontecendo atos de violência no bairro, acreditam também que não é só no bairro e que não foram as mudanças dos comércios para o lugar que chamou a atenção bandidos, mas que os atos de violência acontecem na cidade como um todo e por todo o mundo. Eles acreditam que o aumento da violência é por causa do processo de modernização que vem ocorrendo ao longo dos tempos.

Acrescentam ainda que, quando a modernidade chega, as coisas mudam mesmo. E quando eu os questiono se as transformações que estão ocorrendo no Bairro Fundinho estão interferindo nos modos de vidas, o Sr. Jorge H. Paul, responde que com as vindas de comércio para o lugar muitas pessoas acabam mudando do bairro, por ter uma oferta maior no aluguel ou no preço imóvel. Assim as relações construídas com os antigos amigos, moradores do bairro, vão diminuindo e acabando aos poucos.

No entanto, ele acredita que as mudanças que vêm ocorrendo no bairro são importantes, porque o lugar estava no esquecimento e com as vindas das lojas para o bairro, este está ficando mais bonito, e acrescenta: o bairro está ficando bacana e isso é legal. Ainda diz: que queria viver o suficiente para presenciar o quanto o bairro ficará bonito. Mas quando eu o questiono sobre a questão da preservação, ele fala que o que está acontecendo no bairro contribui para preservar a beleza do lugar, e que o lugar será sempre o que deu início à cidade. Quando me refiro às pessoas que estão indo para lá e acabam demolindo arquiteturas antigas para construírem outras modernas, ele diz que até certo ponto o bairro não tem residência para ser restaurada, e afirma:

“Só restaurar não vira nada nas casas lá, que têm lá, têm que reformar mesmo!, têm que adaptar! Hoje é fácil que está ta

⁵⁶ Idem.

*entrando arquiteto! Uma decoradora!, valoriza uma janela!, uma madeira!, uma porta! E um passeio né!. Mas um imóvel restaurado lá não têm isso não!!! Não têm casa para restaurar não!"*⁵⁷

Acredito que mesmo que esteja aprovando estas mudanças que estão ocorrendo no Fundinho, o seu sentimento pelo lugar continua, porque gosta daquelas vivências de tempos passados. Percebi também que ele introduziu o discurso dos comerciantes que sempre aparece sobre na imprensa, que o bairro que se transformou em um lugar “chic” e cheio de “glamour”. O Sr. Jorge H. Paul diz que sempre está caminhando pelo bairro, mas que nos dias de hoje está sendo muito difícil encontrar uma residência antiga no bairro. Quando ele encontra uma residência antiga, que está sendo preservada ele fica muito feliz, e afirma que as casas com valor arquitetônico e histórico no bairro são raríssimas exceções.

O Jornal Fundinho Cultural, apesar de ter como objetivo a divulgação da importância do Bairro Fundinho, também faz referência aos novos espaços que estão surgindo no lugar, como as lojas, ateliês, boutiques, escolas, agências de turismo, salões, escritórios de arquitetura, etc. Assim fica claro que o resgate da memória exerce um importante papel para não perder a história do lugar, visto que os tempos agora são outros. A falta de uma consciência de preservação acabou transformando o lugar, que acaba perdendo suas características originais. Mas como se pode perceber, algumas coisas ainda permanecem, como as estruturas das ruas, algumas construções antigas e moradores antigos que lembram com nostalgia as vivências nos tempos antigos.

O jornal procura entrevistar as pessoas mais idosas, que relatam as suas vivências e isso justifica suas preocupações com a preservação do local em que sempre viveram. Elas relatam que os melhores tempos foram aqueles em que ainda se podia bater papo na porta da rua e deixar as casas com suas portas abertas.

Na entrevista concedida ao Fundinho Cultural, D. Julieta Cupertino Guimarães⁵⁸ moradora do Fundinho, viúva de Enéias de Oliveira Guimarães, nome dado a uma escola pública do Bairro Fundinho, relata sua vivência com muito saudosismo. Ela é uma pessoa atuante, sendo escritora e tradutora de livros.

Ao relatar sobre o Fundinho D.Julieta trás da memória os momentos em que esteve presente no Theatro São Pedro e, nele, os acontecimentos marcantes para sua vida, os

⁵⁷ Jorge Henrique Paul. Entrevista concedida a Geisane Martins Rodrigues em 29 de novembro 2007.

⁵⁸ SII.VA, Antônio Pereira e I.I.MA, Hélio. *Julieta Cupertino Guimarães. Um exemplo de pessoa moderna.* Jornal Fundinho Cultural. Uberlândia, nº 2, ano I, maio de 2002, p.2 – 3.

carnavais que eram muito divertidos e que aconteciam no Colégio Estadual de Uberlândia. E ao falar sobre a cidade velha, que era o Fundinho, e a cidade nova, que ficava da Avenida Afonso Pena para cima, ela falou que era de mal com a parte nova da cidade, mas que hoje ela já fez as pazes. Ela se sente muito feliz por ser moradora do Fundinho e por saber que as pessoas estão lutando para a valorização do bairro e tornando um “bairro histórico”.

É visto que, na fala de D.Julieta Cupertino, o saudosismo está presente, principalmente quando ela fala dos locais antigos que fizeram parte da sua vida. Para essas pessoas o Bairro Fundinho é como se fosse a sua identidade, pois a cada canto do bairro tem um pouco de sua história de vida. E ao relatar esse tipo de fala percebe-se o desejo de preservar o que fez e que faz parte de sua vida.

O Fundinho Cultural além de divulgar as falas de moradores também traz crônicas muito interessantes sobre o bairro, como uma sobre a Rua Felisberto Carrejo⁵⁹, hoje uma rua cheia de lojas, boutiques, ateliês, escritórios de arquitetura, etc. Antes essa rua se chamava Boa Vista, sendo uma das ruas mais antigas do bairro, e só no ano de 1911 que passou a ter o nome atual. O Teathro São Pedro ficava nessa rua, como também a primeira Loja Maçônica Luz e Claridade: como se vê, a Rua Felisberto Carrejo, já em tempos atrás, também era um local de grande movimentação na pequena São Pedro de Uberabinha.

O jornal Fundinho Cultural sempre traz questões sobre o passado do bairro, sua importância para a cidade de Uberlândia. É importante entender a história e para entendê-la deve-se preservar um pouco do que foi um dia. E além de preservar as edificações antigas é importante também resgatar as memórias das pessoas que tanto querem expressar os seus sentimentos, e ao mesmo tempo também mostrar que elas fazem parte dessa história.

O Doutor João Pinheiro Braga⁶⁰, ao falar do Fundinho, traz a lembrança do Frigorífico Fama que ficava na Rua Quinze de Novembro, das praças Coronel Carneiro, que para ele melhorou muito depois da construção do Colégio Nossa Senhora, e que nessa praça havia muitos comerciantes importantes como o Arlindo Teixeira. Ele também relata nome de pessoas importantes para o desenvolvimento de Uberlândia, como o Hermes Carneiro, que trouxe a energia elétrica para a cidade, e Fernando Vilela que abriu estradas para Prata, Monte Alegre e Ituiutaba.

⁵⁹ SILVA, Antônio Pereira, *Rua Felisberto Carrejo: Rua da Boa vista*. Jornal Fundinho Cultural. Uberlândia, nº 2, ano I, maio de 2002, p. 4.

⁶⁰ SILVA, Antônio Pereira e LIMA, Hêlvio. *Dr. João Pinheiro Braga: 95 anos e muitas lições de vida*. Jornal Fundinho Cultural. Uberlândia, nº 5, ano I I, 04 de abril 2003, p.2-3.

De acordo com a entrevista concedida ao jornal, Dr. João Pinheiro parece lembrar de acontecimentos importantes para a cidade principalmente no que diz respeito ao processo da vinda de energia elétrica e a abertura de várias estradas para outras regiões, o que proporcionou mudanças em relação ao desenvolvimento. E com os seus noventa e cinco anos de idade, e trinta anos na Rua Coronel Manoel Alves, ele é uma pessoa que tem muitas recordações de um passado cheio de histórias. Como o fato de participado da escolha de nome da cidade, que era Uberabinha para Maravilha, no ano de 1928, só que com a realização de um plebiscito o nome escolhido foi Uberlândia. O interessante era que só as pessoas que sabiam ler e escrever participaram da mudança do nome da cidade. Dr. João Pinheiro traz da sua memória lugares que já não fazem parte do cenário urbano, mas que continuam ocupando espaço vivo em suas lembranças.

Nessas entrevistas, que o Jornal Fundinho Cultural realiza com moradores mais antigos do bairro, está sempre presente a referência aos tempos felizes que viveram nesse lugar, como a vida com seus amigos de infância, as brincadeiras na porta da rua ou na beira do córrego São Pedro. De acordo com eles, a amizade naquela época era verdadeira e todos podiam confiar uns nos outros, tinha-se mais liberdade, mas sabe-se que, mesmo que os outros tempos sejam lembrados como felizes, é preciso também saber que sempre existiram problemas, visto que, as relações sociais são sempre conflituosas, pois a luta por interesses é constante e nem sempre todos os sujeitos sociais lutam por um mesmo objetivo.

No processo de formação da cidade Uberlândia que ocorreu no Bairro Fundinho, os moradores relatam que as vizinhanças mantinham uma relação de boa amizade, onde a conversa de porta de rua acontecia todos os dias, todos depois do jantar iam para porta contar “causos” e as crianças iam brincar. E quando tinha festa na casa de algum amigo todos iam e quando saíam de suas casas nem precisavam trancar as portas, visto que não existiam ladrões e nem violência, a população vivia na maior tranquilidade. E é essa a história que o Jornal Fundinho Cultural quer divulgar, é chamar a atenção das pessoas para a característica de um lugar onde se vivia tranquilamente e harmoniosamente, e esse é o desejo dos comerciantes e moradores do Bairro Fundinho. Existe a intenção das pessoas, que são moradores e comerciantes do lugar, de tornar o bairro um lugar tranquilo para que as pessoas possam usufruir desse espaço tão importante para a história da cidade.

Nas páginas do Jornal Fundinho Cultural, os leitores podem viajar no passado e descobrir a importância e o significado do bairro para os sujeitos sociais que visam a preservação do espaço do Bairro Fundinho, preservação do pouco que resta, já que as transformações são constantes e as mudanças de vida também. Sabemos que é impossível não

haver mudanças, os tempos são outros, mas que é necessário ter um mínimo de consciência a respeito do passado, pois é através dele que se entende um pouco do presente que estamos vivendo.

O Jornal Fundinho Cultural têm como objetivo criar uma consciência de preservação em relação às construções antigas do bairro, mas junto a isso ele divulga o surgimento de novos comércios no espaço do bairro. Pois, no mesmo tempo que faz a divulgação desses novos espaços que estão surgindo e que já fazem parte do cenário do lugar, busca também resgatar a memória do bairro, que está se perdendo, já que construções antigas que eram residências acabam se transformando em pontos de comércio e, junto a isso, pessoas que sempre moraram no lugar acabam se mudando por não se acostumarem com as mudanças de rotinas, ou até mesmo vendem ou alugam seus imóveis, que acabaram se valorizando por causa da nova conotação que o bairro ganhou.

Esse é o princípio atual de revitalização do espaço e, dessa forma, acaba aliando interesses que incluem o crescimento social ao econômico e cultural. De acordo com Denise Attux⁶¹ esse processo de revitalização dos centros históricos vem se intensificando desde 1970, com a tentativa de resgatar a história e re-valorizar essas áreas centrais que ficam próximas aos centros comerciais. Com isso, esse espaço busca resistir à destruição do patrimônio, como é o caso do Bairro Fundinho que fica próximo ao centro comercial da cidade.

Tanto o Jornal Correio quanto o Jornal Fundinho Cultural são divulgadores das histórias surpreendentes sobre o Bairro Fundinho. As falas dos antigos moradores sempre trazem surpresas sobre o lugar e revelam como era o Fundinho de antigamente.

Na crônica intitulada “*Vigário Dantas: Uma rua no miolo do fundinho*”, o cronista ressalta a importância do nome da rua. Ele chama atenção por a rua cortar ao meio o bairro e, ao mesmo tempo, traz para o público quem foi Vigário Dantas. E assim segue contando a história dessa pessoa que foi o terceiro vigário de Uberlândia. Quando ele chegou à cidade, a população não atingia mil habitantes e quase todas as pessoas eram analfabetas. A atuação desse vigário foi importante tendo iniciativas para a melhoria da cidade como:

“Conseguiu com o apoio do missionário frei Paulino, construir um novo cemitério na praça Clarimundo Carneiro. O que havia ficado em torno matriz, na praça Cícero Macedo estava super lotado(...)”.

⁶¹ ATTUX, Denise. *Revitalização Urbana em Centros Históricos: Estudo de Caso do Bairro Fundinho*. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Área de Concentração em Análise e Planejamento Sócio-Ambiental. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Geografia. Uberlândia (MG), 2001. p.02-03.

*Construiu, também, a primeira igreja do Rosário, na praça Dr. Duarte(...). João da Cruz Dantas Barbosa instalou o primeiro serviço postal do distrito(...). Esta foi uma personalidade homenageada com o nome da Rua Vigário Dantas. Merecida.*⁶²

Quando o autor da crônica relata que houve a necessidade da construção de outro cemitério na praça, percebe-se que a cidade estava em crescimento e que havia aumentado o número de pessoas no local e a construção de outra igreja que é a Nossa Senhora do Rosário, que seria uma igreja para os negros, mostra o quanto a sociedade era elitista, sendo que discriminava os negros que tanto ajudaram no processo de desenvolvimento de Uberlândia. Outra questão foi à criação do serviço postal, momento em que as pessoas passaram a se comunicar com outras regiões e assim percebe-se que a população que aqui estava não ficava no isolamento, pois sempre estavam em contato com outras regiões através de correspondências.

Na entrevista de Neusa Bombonato⁶³ concedida ao Jornal Fundinho Cultural, intitulada de *“Neusa Bombonato, a Memória do Fundinho nos anos cinqüenta”*, trás um pouco do passado do lugar. Moradora há cinqüenta anos do bairro, ela relata como era o cotidiano nesse tempo. Residente até hoje na Rua Dom Barreto, viveu um momento onde tinha somente quatro vizinhos e a rua ainda era de terra, havia muitas chácaras ao seu redor onde compravam verduras, já que naquela época não existiam supermercados. E para ela o Fundinho era um local único de se viver, pois os vizinhos muito solidários e estavam sempre dispostos a ajudarem uns aos outros. Quando ela fala da pouca vizinhança, expressa o sentido dos relacionamentos com os vizinhos que eram muito melhores.

A partir de suas falas vemos que o Bairro Fundinho, na década de 50, era um espaço bom de se viver, apesar de ainda não ter nenhuma infra-estrutura como asfalto nas ruas e comércio. Mas, para Bombonato, as amizades eram puras e o local era de grande sossego, onde podiam ter acesso às chácaras. O Bairro Fundinho de antigamente era rodeado de chácaras e estas abasteciam a cidade de gêneros alimentícios.

Como moradora do bairro há mais de cinqüenta anos, Bombonato ainda vive na mesma casa e ainda cultiva suas plantas no seu quintal, e isso expressa o quanto o bairro é

⁶² SILVA, Antônio Pereira. *Vigário Dantas: uma rua no miolo do Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural. Uberlândia, nº 6, ano I, dezembro de 2003, p.3.

⁶³ LIMA, Hélio de. *Neusa Bombonato. a memória do Fundinho nos anos cinqüenta*. Jornal Fundinho Cultural. Uberlândia, nº 07, ano III, abril de 2004, p. 02-03.

importante para ela, e como a vida nesse lugar era marcada pela tranquilidade e pelos simples modos de viver. Modos esses que as pessoas sempre trazem da memória, mas que em parte ainda continuam presentes no cenário, marcado por esses tempos. O bairro ainda tem características marcantes como suas ruas estreitas, casas antigas e o modo dos relacionamentos dessa antiga vizinhança que ainda continua nesse espaço tradicional. Apesar dessas vivências estarem sendo re-elaboradas no dia-a-dia, as pessoas buscam cultivar o que é de importância para todos.

Em um artigo do Jornal Correio aparece algumas falas de uma antiga moradora do Bairro Fundinho, Edith Costa Pereira, que com a idade de 89 anos pôde presenciar as mudanças do lugar. Ela vivenciou a mudanças de vários espaços como a demolição da primeira igreja de Uberlândia, a mudança da rodoviária que ficava em frente sua casa, das ruas que ainda não eram calçadas, da presença das árvores frutíferas nos quintais das casas. O Bairro Fundinho, de acordo com a moradora: *"era o "point" da época e ali perto tinha tudo em volta, escolas, lojas, mercearias, teatro, igreja, cinema."*⁶⁴

Mesmo o bairro sendo movimentado e onde se podia encontrar de tudo, o lugar era tranquilo e tinha uma grande vizinhança que era muito unida. Mas, hoje ela considera as mudanças no bairro como se fossem mudanças de vida, de forma que algumas coisas boas vão e outras ficam, e apesar de enfrentar a forte pressão imobiliária não vende seu imóvel, que lhe é de grande valor afetivo e histórico. Ela pretende morar no bairro Fundinho até morrer, porque morar no bairro para ela lhe traz grande satisfação.

No Bairro Fundinho ainda existe pessoas que são grandes protetoras do lugar, que resistem e preservam seus imóveis que são caracterizados por elas pelo sentimento e pela história do lugar que ele representa. Essas pessoas têm uma consciência de preservação.

O editor Hêlvio Lima sempre está chamando a atenção para preservação do bairro e isso parece que é uma luta constante para ele, pois o ideal do Jornal Fundinho Cultural é de estar sempre buscando revelar a história, a arte e a cultura do lugar. E, ao mesmo tempo, sensibilizar as pessoas para a valorização do que há de especial no bairro Fundinho, principalmente no que diz respeito ao resgate da memória e a preservação do local. O jornal ainda chama a atenção para a questão da crescente violência no bairro, que deve ser contida.

O problema da crescente violência no Bairro Fundinho está sempre presente nas falas das pessoas entrevistadas e também aparece no jornal como forma de alertar a população. O

⁶⁴ CHAVES, Frenícia. *Aposentada observa o crescimento do bairro*. Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia, nº 20.459, ano 68, 19 abr. 2006. B-02.

artigo intitulado “*SOS Fundinho SOS Fundinho, Segurança Para o Fundinho*”⁶⁵ faz um chamamento para a população, pois quem está preocupado em obter melhorias para o Bairro Fundinho se reúne a cada quinze dias para encontrar soluções por maior segurança para o bairro e, ao mesmo tempo, trazer melhorias para o espaço do Fundinho. Esse chamamento é uma forma de mobilizar a população do bairro.

Em um informativo presente no jornal intitulado de “*Segurança para o Fundinho*”⁶⁶, aparece um explicativo da polícia militar para as pessoas tomarem certos cuidados em casa e ao saírem às ruas. Dessa forma percebe-se a preocupação crescente a respeito da violência no Bairro Fundinho e também a constante preocupação das pessoas, que são moradores e comerciantes do Fundinho, em solucionar esse tipo de perturbação.

Mesmo diante desse crescimento da violência no bairro, os moradores e comerciantes do Fundinho acreditam que esse espaço é o melhor para se viver e terem seus comércios, e que ainda o bairro continua a ter um vivência única e especial entre as pessoas. D. Palmira Marquez Miranda⁶⁷ reside a quarenta anos na mesma residência no Bairro Fundinho, e traz da memória a vivência feliz que teve no bairro. Lembra das construções antigas que já foram demolidas, da conversa de porta de rua com os amigos e as amizades verdadeiras que existiam naquele tempo. Ao mesmo tempo lembra dos costumes da época, como a plantação de árvores frutíferas nos quintais da casa e que ainda hoje ela preserva, tendo várias espécies de plantas no seu quintal. Mas quando se fala do Fundinho hoje, D. Palmira, apesar de achar o lugar bom, traz à tona a questão da violência e as mudanças de costumes, como as cercas elétricas nas residências e a prisão das pessoas em suas próprias casas, já que nem se pode deixar as portas abertas como antigamente. E assim seguem as falas sobre a violência no Bairro Fundinho e as mudanças nos modos de vida das pessoas, o que acaba trazendo um sentimento de saudosismo, vendo que os tempos antigos não voltam jamais.

Na entrevista concedida ao *Jornal Fundinho Cultural*, Eleuza Rezende moradora do Bairro Fundinho, morou na Rua Mercedes Brasileiro e depois se mudou para a Rua Augusto César onde teve sua infância feliz. Tempos marcados pela boa relação entre amigos e por brincadeiras na porta da rua. Mas apesar de falar de uma infância feliz no bairro Eleuza Rezende acredita que o Fundinho hoje progrediu muito por abrigar diversos estabelecimentos comerciais e novas construções. Ela fica encantada com o novo aspecto que o bairro tem

⁶⁵ LIMA, Héliu. *SOS Fundinho SOS Fundinho, Segurança Para o Fundinho*. Jornal Fundinho, Cultural, Uberlândia, nº 3, ano I, Setembro de 2002, p.2.

⁶⁶ LIMA, Héliu. *Segurança para o Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 5, ano II, Abril de 2003, p.14.

⁶⁷ LIMA, Héliu de. *Palmira Márquez Miranda. Uma figura Exemplar*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 11, ano V, junho de 2006, p.3-4.

adquirido, mas só que sente falta da antiga vizinhança, da conversa de porta de rua e a solidariedade entre as pessoas, acrescentando também que o sossego do bairro acabou e que a violência esta presente no bairro.

Ao falar do melhoramento do bairro Eleuza Rezende⁶⁸ reforça a questão entre a convivência do antigo com o moderno e acrescenta que isso foi bom para o lugar: afirmando que o bairro progrediu. Dessa forma percebe-se que o comércio deu uma nova figuração para o local que ao mesmo tempo apesar de ser considerada benéfica essas mudanças para ela, ao mesmo tempo Eleuza percebeu que as mudanças ocasionaram alguns transtornos, o que interferiu nas atividades cotidianas tradicionais do local. Com as transformações cotidianas do lugar quase não se tem mais a conversa de porta de rua, a diminuição das amizades e ao mesmo tempo a questão da violência. Antes as pessoas estavam sempre nas portas de casa conversando com os amigos, hoje isso já se torna difícil e, assim, as pessoas têm que mudar suas rotinas e se adaptarem as conseqüências da modernidade.

D. Ilzete Dantas Fonseca⁶⁹ também moradora do Bairro Fundinho revela nas páginas do jornal Fundinho Cultural, o amor que tem pelo lugar. Ela relata sua infância feliz no bairro, numa cidade tão tranqüila. As casas podiam ficar com suas portas abertas porque nunca houve um roubo. As brincadeiras no Largo do Asilo, que ficava em frente à Igreja Matriz, local que brincava com tranqüilidade, sabendo que nada de mal aconteceria. Jogavam água nas ruas de terra para apagar a poeira e quando chegava a noite todos iam para o passeio para conversar. E, ao falar do Fundinho hoje, diz que tem paixão pelo lugar, mas que não gosta desse nome “Fundinho”, e disse ainda, que todos querem montar uma loja no local, por ser um lugar aprazível e todos querem desfrutar dele. E ao finalizar sua entrevista ela diz que não gosta da violência que anda pelo bairro.

De acordo com as falas de D. Ilzete percebe-se o amor que ela tem pelo antigo Fundinho, que não tinha violência e onde tinha várias amizades. O sentimento de nostalgia está sempre presente em suas falas, mas ao mesmo tempo ela remete à questão do Fundinho ser um lugar aprazível e que todos gostam de lá, principalmente os comerciantes que acabaram mudando a rotina do local. Mas isso é visto como parte do processo de desenvolvimento da cidade. Para ela, a grande perturbação é a crescente violência que vem acontecendo no local, visto que aquele tempo de liberdade agora está presente somente em

⁶⁸ LIMA, Hélvo de. *Eleuza Rezende. As melhores lembranças do Fundinho Antigo*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 09, ano IV, março de 2005, p.2.

⁶⁹ LIMA, Hélvio de. *Ilzete Dantas Fonseca. Tenho Paixão pelo Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 08, ano III, setembro de 2004, p. 2-4.

sua memória. O bairro passa a ter novas formas de viver, mas nem por isso ela deixa de gostar do lugar, onde sempre viveu. Mas só não gosta do nome Fundinho e isso está presente em algumas falas de outras pessoas. Para algumas delas, esse nome Fundinho tem uma conotação de resto, de final e sobra, sendo que o bairro para elas o local é privilegiado, não sendo um resto: é um lugar de maior importância, o local que deu origem à cidade de Uberlândia. E, como prova de paixão pelo lugar continua a morar nele até os dias de hoje. De acordo com D. Ilzete, “Uberabinha é o melhor lugar do mundo”.

Ao falar do Fundinho como lugar aprazível, que chama atenção de todos, principalmente dos comerciantes, percebe-se o quão é grande o interesse destes para instalação de seus estabelecimentos no Bairro Fundinho. Primeiro por o lugar estar próximo ao centro comercial da cidade, o que facilita o acesso dos consumidores, e, segundo, por o lugar ter uma característica própria que chama atenção das pessoas, por ter casas antigas, ruas estreitas, enfim, por ser um bairro aconchegante.

Apesar dos tempos serem outros, os antigos moradores do Bairro Fundinho sempre resgatam a importância das vivências noutros tempos, que eram marcadas pela liberdade e tranquilidade de caminhar e ficar batendo papo na porta das ruas enquanto as crianças brincavam. Mas o tempo foi passando e o Bairro Fundinho, por ter uma posição estratégica, passou a ser visto pela especulação imobiliária como um lugar lucrativo, o que levou a descaracterização do lugar. E essa descaracterização se deu mais ainda por causa da falta de uma consciência que visasse a preservação da história da cidade, pois isso se deve à política de alguns governantes que estavam preocupados com o desenvolvimento e progresso da cidade e, dessa forma, o que é antigo e histórico passa ser sinônimo de atraso, e para mostrar que a cidade de Uberlândia é progressista foi demolindo aos poucos os vestígios da história da cidade. Apesar de muitos não terem essa consciência de preservação, ainda existiam e existem pessoas que estão preocupadas com a história do lugar e que começaram a lutar para preservação do pouco que ainda resta, mas essa luta nem sempre contou com o apoio do poder público municipal. E, mesmo com o apoio do poder público, os imóveis tombados não tiveram apoio financeiro e, por essa razão, pessoas que não tinham poder aquisitivo viam seus imóveis acabando junto com a história do lugar.

Muitos moradores antigos do Bairro Fundinho lutam para permanecerem e preservarem o lugar que sempre moraram, mesmo acompanhando as mudanças no lugar o que acabou mudando seus modos de vida, tendo que re-elaborarem os seu viveres. Mesmo assim, o Bairro Fundinho continua tendo um grande valor sentimental e ao mesmo tempo histórico para os seus moradores. Para tanto, a consciência de preservação deveria ser acolhida por toda

população e, dessa forma, os novos comerciantes não demoliriam as antigas casas, mas investiriam na restauração, preservando-as.

No próximo capítulo irei discutir sobre as iniciativas de revitalização que estão acontecendo no Bairro Fundinho, abordando tanto as iniciativas que partem do poder público, como da associação de moradores, e o que isso significa.

CAPÍTULO III

“Vamos revitalizar o Fundinho”: as várias noções e ações de preservação no tempo presente

O Bairro Fundinho está passando por um processo, o de dar novos significados para seus espaços. Isso vem ocorrendo por causa do crescimento da cidade, que é o grande causador da perda dos bens arquitetônicos da cidade. Para preservação do Bairro Fundinho foram tomadas medidas por parte do poder público e também da população do lugar. Para isso ocorreram várias iniciativas, entre elas a inibição da verticalização que começou nos anos 80, como o anteprojeto de lei elaborado em 1986, que além de resguardar o Fundinho impedindo a construção de prédios altos, também previa a preservação do patrimônio histórico da cidade, e grande parte fica no bairro.

Foi elaborado também o Plano Diretor, em 1991, pela consultoria do arquiteto Jaime Lerner⁷⁰, previa a delimitação do espaço do Bairro Fundinho, que se caracterizou por Zona Especial de Revitalização (ZER), onde os imóveis deveriam ser preservados e no local seriam promovidos encontros sociais que aproveitassem o potencial do bairro. Em 1994 foi elaborado um novo Plano Diretor, que incentiva a preservação e a revitalização do Bairro Fundinho, que tem interesse em resguardar a horizontalidade do espaço, preservar as características originais das ruas, enfim a preservação das características originais do bairro.

E junto a isso, as iniciativas dos próprios moradores do Fundinho, que fundaram uma Associação de Moradores onde são discutidos assuntos que dizem respeito ao bairro e são propostos eventos culturais para a divulgação do lugar. Também por iniciativa de um morador do lugar foi criado um jornal denominado Fundinho Cultural, que divulga os acontecimentos, traz as curiosidades do bairro, realiza entrevistas com moradores antigos, enfim, é um grande divulgador das notícias do lugar.

O Jornal Fundinho Cultural traz artigos que fazem referência a essa nova configuração do lugar, exaltando o que ocorre no bairro. Em um artigo intitulado “*O Fundinho de ontem, o Fundinho de hoje*”, é retratado bem o sentimento que o morador e editor do jornal sente em relação a esse movimento de revitalização:

⁷⁰ Folha Política. *O Fundinho está “Vivo” e o Centro “Deteriorado”*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 18364, ano 60, 19 mar. 2000. A-3.

*“Fundinho de sempre. Finalidades diversas para o bairro, que passou um tempo esquecido e que agora ganha uma nova valorização em Uberlândia. Residencial, verticalizado, de novo inventado em requintadas opções de comércio. (...) O Fundinho centro, onde a modernidade, aos poucos, vai exercendo a sua interferência. Fundinho mais tradicional, o que esconde lá atrás da Praça Cícero Macedo. O local onde habita muita gente com tantas lembranças para contar! (...) Que o ritmo do progresso não desconsidere a importância do Bairro Fundinho e de seus personagens históricos. Que o doce encanto do Fundinho permaneça e esteja sempre presente enaltecendo as nossas mais doces memórias”.*⁷¹

A partir desse artigo, além de perceber que o sentimento de afeto pelo bairro é grande, a presença da modernidade no local também é bem vinda, desde que considere o que existe de tradicional, principalmente no que diz respeito aos moradores antigos do lugar que são tratados pelo escritor do artigo de personagens históricos. Mas será que esse processo de revitalização do bairro está preservando o que ainda existe no lugar? E seus moradores, principalmente os antigos, aprovam tantas mudanças?

Nas entrevistas gravadas que realizei com alguns moradores do bairro, percebi que alguns deles já introduziram esse discurso da revitalização do bairro, apesar de reclamarem sobre as mudanças que estão ocorrendo: a mudança de muitos moradores antigos que acabam alugando ou vendendo seus imóveis, para que esses espaços se tornem comércio; a grande circulação de automóveis no bairro que acaba causando transtornos principalmente para as pessoas mais idosas que tem medo de andar pelo bairro; e a mudança das vivências no bairro, que era tranquila, sossegada e que se podia conversar nas portas das ruas com os amigos, mas que hoje isso não é mais possível. Mas, mesmo que não concordem com algumas mudanças, todos que entrevistei disseram que o que está acontecendo com o Bairro Fundinho está sendo bom.

Quando pergunto a esses sobre o crescente número de comércio que está entrando no bairro, e que está transformando o lugar em comercial as respostas que tive foram as seguintes:

“Eu falo que acho que está legal! acho que todo mundo que tá indo para o Fundinho..., vai com carinho!., com cuidado!., tenta fazer um projeto bonito! (...) Acho que são eles que estão fazendo um novo Fundinho. E vai ficar melhor, eu tenho

⁷¹ LIMA, Hévio. “O Fundinho de ontem, o Fundinho de sempre”. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 08, ano III, abril de 2004, p. 02.

*certeza, eu não vi ninguém abusando do Fundinho, é sempre com carinho, respeito e valor que tratam o bairro”.*⁷²

*“A minha posição, isso aí enobreceu o bairro! O bairro cresceu porque o dinheiro circula aqui!, e gente vêm aqui pra ver as lojas, de fora pra comprar. Então é muito bom!!!”.*⁷³

*“Ah! O Fundinho está valorizadíssimo! É a relíquia de Uberlândia tá sendo o Fundinho!...tanto que você pode ver o movimento..., da cidade, o valor que eles estão dando lá!”.*⁷⁴

*“O bairro vai transformando aos poucos em local comercial, principalmente a parte mais alta, os moradores alugam ou vendem seus imóveis para que eles possam sofrer as transformações de modernas arquiteturas”.*⁷⁵

Acredito que eles estão introjetando os discursos sobre as mudanças no bairro. Talvez essa perspectiva que o bairro está ficando melhor é porque eles são donos de imóveis e durante as entrevistas disseram que os imóveis no Fundinho estão sendo valorizados a cada dia. O bairro estava no esquecimento e abandonado e as construções antigas no bairro já quase não existiam mais e, por essa razão, esse “movimento” que está acontecendo no Fundinho está dando vida nova para o lugar.

Ao questioná-los sobre a questão de donos de lojas preservarem só um pouco das construções antigas, ou mesmo não as preservarem, foram interessantes algumas respostas. Disseram-me que os donos de lojas modificam as construções por causa da violência, dos assaltos e por essa razão os comerciantes têm que usar em seus estabelecimentos os blindex, substituindo o que era de madeira por metal, dessa forma o muito que não se preserva é por causa da segurança.

De acordo com Tereza Caldeira, esses discursos de proteção e segurança são uma forma de mostrar poder e exclusão e que a construção dessas novas áreas de comércio baseadas na exclusividade dos ricos acabam por reformular um padrão espacial de segregação. De acordo com Teresa Caldeira:

“As cidades fragmentadas por enclaves fortificados, é difícil manter os princípios de acessibilidade de livre circulação, que estão entre os valores mais importantes nas cidades modernas. Com a construção de enclaves fortificados, o caráter de espaço

⁷² Jorge Henrique Paul. Entrevista concedida a Geisane Martins Rodrigues em 29 de novembro 2007.

⁷³ Maria Aparecida Marquez. Entrevista concedida a Geisane Martins Rodrigues em 05 de dezembro 2007.

⁷⁴ Odeir Guimarães Fonseca. Entrevista concedida a Geisane Martins Rodrigues em 12 de novembro 2007.

⁷⁵ Hêlvio de Lima. Entrevista concedida a Geisane Martins Rodrigues em 07 de novembro de 2007.

*público muda, assim como a participação dos cidadãos na vida pública*⁷⁶.

Pude perceber que, o que está acontecendo com o Bairro Fundinho, à margem da sua identificação como cultural, artístico e de lazer, é que as fortificações e o luxo acabam excluindo a maioria das pessoas desse espaço público, que se tornou exclusividade da elite uberlandense. No discurso, todas essas descaracterizações são justificadas pela crescente violência que está ocorrendo na cidade.

Mas apesar do bairro estar se tornando um lugar comercial, e que os frequentadores desses ambientes são pessoas que têm um maior poder aquisitivo, ainda no bairro existem espaços públicos como as praças antigas, a Casa da Cultura, o Museu Municipal, o Coreto e eventos culturais como a Festa do Congado, a Feira do Coreto na Praça Clarimundo Carneiro, a Oficina Cultural e a Feira Mística na Praça Coronel Carneiro, que são frequentados por pessoas de várias classes sociais.

Uma das atividades que permanece na Praça Clarimundo Carneiro⁷⁷ é a feira de artesanatos de artistas plásticos populares, realizada desde o ano de 1979. Essa feira mudou algumas vezes de lugar, mas atualmente está na Praça Clarimundo Carneiro, realizada a cada segundo sábado do mês. Nessa feira são expostos os trabalhos dos artistas plásticos e nada melhor que o espaço do Coreto para realização dessa atividade, onde também conta com a apresentação de músicos. Nela pode-se encontrar moradores do bairro circulando pelo espaço aconchegante da feira. Tanto o Jornal Correio quanto o Jornal Fundinho Cultural trazem artigos referentes a essa feira realizada no Fundinho:

*“A feira de artesanato de Uberlândia acontece na primeira quinzena de todos os meses e traz variedades de produtos. Em meio aos bordados, doces caseiros, chinelos e bolsas de couro, teares, carrancas de madeira, objetos em cobre e prata. A prática de artesanato está cada vez mais esquecida, os artesãos e artistas plásticos que, em sua maioria, aprenderam o ofício com os pais, se encontram isolados na Praça Clarimundo Carneiro”*⁷⁸.

“Feira do Coreto foi a pioneira do fomento de exposições populares. Na busca pela valorização dos artistas, espaços e da cultura, a Secretaria Municipal de Cultura vem idealizando a pouco mais de um ano eventos em locais de acesso público no intuito de tornar

⁷⁶ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed: EDUSP, 2000. p.211.

⁷⁷ Caderno Revista. *O anonimato das artes plásticas populares*. Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia, nº 17.710, ano 58, 05 fev. 1998, p.15.

⁷⁸ NAVES, Janaina. *O anonimato das artes plásticas populares*. Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia, nº 17.710, ano 59, 5 Fev. 1998.

tradicional o apreço aos produtos de seus criadores dos seguimentos das Artes Plásticas, Cênicas, Artesanato, Culinária, Dança, entre outros. A feira proporciona visibilidade e geração de renda para artesãos, artistas plásticos, doceiras, entre outros profissionais. O evento expõe trabalhos manuais para decoração, bijuterias, bordados em ponto cruz, crochê, bebidas e alimentos que serão comercializados.”⁷⁹

A Feira Mística é outro evento que também movimenta o bairro, uma manifestação que ocorre na Praça Coronel Carneiro, e que aumenta o fluxo de pessoas circulando pelo espaço cultural do Fundinho. É uma feira nova, mas o jornal Fundinho Cultural já a divulga:

“A Feira Mística Cultural de Uberlândia foi concebida em parceria com o Jornal Holístico do Triângulo e acontece na Praça Coronel Carneiro, todo o primeiro sábado do mês, das 15 às 22 horas. O projeto Feira Mística foi idealizado com o objetivo de promover encontros para exposição de produtos místicos, esotéricos, alimentação natural, divulgar os diversos assuntos sobre misticismo, bem como apresentações de eventos concernentes a esse conteúdo”⁸⁰.

Outra forma de revitalizar o bairro é através das manifestações culturais, como a Festa do Congado realizada anualmente, onde o encontro final dos ternos de Congado se dá na Igreja Nossa Senhora do Rosário, que fica na Praça Rui Barbosa no Bairro Fundinho. Como essa festa dá notoriedade ao Bairro durante a época de sua realização, a imprensa uberlandense vai noticiá-la:

“Já é tradicional, no Fundinho, a “Macarronada da Dona Nega”, que acontece por ocasião dos festejos de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Congadas e Congadeiros são os grandes homenageados. Um quarteirão da rua Lúcia Matos, fechada na ocasião, para o trânsito de veículos, se transforma num grande salão de festas. Dona Nega reúne os amigos do Bairro Fundinho e os “ternos” das Congadas, que sai dos seus louvores na Capela de Nossa Senhora do Rosário para a festa no Fundinho. A “Macarronada da Dona Nega” acontece na segunda quinzena do mês de novembro”⁸¹.

⁷⁹ LIMA, Hêlvio. *Feiras mostram leque de opções culturais dos artistas uberlandenses*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 06, ano II, dez. 2003, p. 14.

⁸⁰ LIMA, Hêlvio. *Feira Mística*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 06, ano II, dez. 2003, p. 14.

⁸¹ LIMA, Hêlvio. *Festa para os Congadeiros no Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 03, ano I, set. de 2002, p. 11.



Igreja Nossa Senhora do Rosário Localização: Praça Rui Barbosa. Bairro Fundinho. Fonte: Inventário de Proteção do Acervo Cultural – Uberlândia/MG. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/midia/documentos/cultura/patrimonio_bens_tombados.pdf> Acesso em: 29/01/2008. Acervo SECOM.

A Edição de Setembro de 2002 do jornal Fundinho Cultural é uma edição comemorativa da festa do Congado intitulada “*Fundinho, paixão e fé*”, no qual há um espaço destinado a falar dessas manifestações culturais relacionadas ao bairro, porém as práticas aparecem como tradicionais ou folclóricas: “*A igreja do Rosário à praça Rui Barbosa, palco dos festejos à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. O lado folclórico mais típico da cidade: as tradicionais Congadas*”⁸².

A Oficina Cultural é outro espaço de revitalização do Bairro Fundinho. Segundo a Prefeitura Municipal de Uberlândia, a Oficina Cultural é:

*“a instituição da Secretaria de Cultura, identificada como pólo de formação e ensino das artes e ofícios. A unidade apresenta uma vasta programação, além das oficinas e cursos de curta e média duração, exposições, apresentações artísticas, projetos permanentes. É um espaço multiuso para apresentação dos resultados dos trabalhos desenvolvidos e para manifestações artístico-culturais e realizações de projetos da própria Secretaria de Cultura e da Comunidade”*⁸³.

Dessa forma, estão presentes alguns programas culturais que buscam resgatar a memória do Bairro Fundinho, com apresentações culturais e musicais. E para realização

⁸² Idem. p.2.

⁸³ Prefeitura Municipal de Uberlândia. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/cidade_oficina_cultural.ph.p> Acesso em: 28/01/2008.

dessas atividades conta-se com apoio de artistas plásticos que lutam em prol do resgate da memória da antiga cidade e entre esses artistas está Hélvio de Lima, que no ano de 2002 fez o lançamento da primeira edição do Jornal Fundinho Cultural. Ele como morador do bairro e amante do lugar teve a iniciativa de editar um jornal que divulgasse a memória do lugar e, com isso, ele pretende despertar nas pessoas uma conscientização para a importância da preservação da história, cultura e memória da cidade.

Mas, como a cidade de Uberlândia tem um ideal progressista e que o antigo torna-se sinônimo de atraso, acabaram não tendo políticas que deram atenção devida para a preservação dos elementos que fizeram e fazem parte da história do município. Partindo dessa visão, a cidade de Uberlândia passou por profundas transformações espaciais e o Bairro Fundinho, que era um lugar diversificado, com uma livre organização espacial e com formas interativas de relacionamento social, passou a ser relegado a um segundo plano.

Mas de acordo com a arquiteta Maria Elisa Guerra⁸⁴, presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB-Uberlândia), o crescimento diversificado do Bairro Fundinho tem melhorado muito, principalmente a vida noturna do lugar, e que o bairro atualmente tem restaurantes, lojas, bares, museus, serviços entre outras coisas, o que é muito positivo para o lugar. Para ela, não importa a opinião das pessoas que moram lá há muito tempo, que estão reclamando pelo aumento de número de veículos, pela violência que está cada vez mais crescente, pois junto com a modernidade e com o crescente número de estabelecimentos comerciais, o bairro passa a ser atrativo para a circulação de novos indivíduos que têm segundas intenções e, por essas razões, as antigas vivências vão se transformando constantemente e as lembranças ficam na memória de quem teve o privilégio de vivenciar os velhos tempos.

O Jornal O Correio traz um artigo intitulado *"Noite Cultural Movimenta o Fundinho"*⁸⁵ que diz respeito a um projeto que buscava resgatar a memória do bairro. Nele, participaram artistas plásticos que tinham entre seus objetivos resgatar o passado do lugar e ao mesmo tempo proporcionar cultura para a sociedade, visto que, esse evento teve entrada franca e estava aberta à população. Nesse evento estavam presentes pessoas do meio artístico como a poetisa Elza Teixeira de Freitas, o cantor Cícero Mota e a artista Maria de Lourdes Barbosa.

⁸⁴ Folha Política. *O Fundinho está "Vivo" e o Centro "Deteriorado"*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 18364, ano 60, 19 mar. 2000. A-3.

⁸⁵ Caderno Revista. *"Noite Cultural Movimenta o Fundinho"*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 19.061, ano 64, 11 jun. 2002. D-1.

Um outro artigo do Jornal Correio “*Feijoada será realizada em prol do Fundinho*” revela o interesse dos moradores do bairro em divulgar um evento que arrecadou fundos para a criação de uma Associação de Moradores. Esse almoço foi em prol da preservação do bairro, da sua história, cultura e tradições. De acordo com uma das organizadoras desse evento, Isabela Sicília:

“(…), a idéia é mobilizar os moradores do bairro e da população uberlandense no intuito de preservar a arquitetura original das casas como, por exemplo, implementar um dos projetos, o qual pretende criar placas de sinalização que mostram os prédios com os dados históricos anexados.”⁸⁶

A partir desse artigo é possível perceber a importância e o interesse que alguns comerciantes e moradores têm em relação à preservação do espaço do Bairro Fundinho. Essas pessoas visam preservar o lugar que está a cada dia se transformando e tornando-se um espaço de grande valor econômico, perdendo o valor histórico, e essa mudança relativa aos valores acaba afetando quem se interessa pelo valor sentimental e histórico do lugar.

Essas constantes mudanças de valores no Bairro Fundinho despertaram preocupações por parte do poder público municipal que, com apoio da Universidade Federal de Uberlândia, fizeram um *Inventário de Diretrizes Especiais de Uso e Ocupação do Solo*⁸⁷, tendo como objetivo analisar o que deveria ser preservado, tentando reverter a grande descaracterização e, ao mesmo tempo, amenizar um pouco essas intervenções feitas de forma indevida no Bairro Fundinho. A pesquisa realizada para desenvolver esse inventário contou com apoio de diversas áreas como geografia, arquitetura, patrimônio histórico, computação gráfica e planejamento urbano. O objetivo desse trabalho era realizar o diagnóstico dos imóveis, um estudo das transformações morfológicas da área e identificar as características do Fundinho. Dessa forma, não foram avaliados somente os imóveis, mas também houve uma preocupação com o bairro em seu conjunto.

Apesar de estarem preocupados com a característica do Bairro Fundinho, esse inventário traz à tona um Plano Diretor que diz respeito ao incentivo à preservação e ao mesmo tempo a revitalização do lugar, para que o bairro possa continuar a se desenvolver sem perder suas características originais. Entre as diretrizes presentes nesse Plano Diretor está a relativa à taxa de ocupação do solo, que visa a diminuição da verticalização crescente, com o

⁸⁶ Caderno Revista. *Feijoada será realizada em prol do fundinho*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 19.102, ano 64, 27 set. 2002, D-6.

⁸⁷ NAVES, Janaina. *Fundinho Passa por Inventário*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 19.266, ano 64, 12 jan. 2003, C-2.

objetivo de evitar a descaracterização. Por meio dessa preocupação do poder público a intenção de que a população do local tivesse uma melhor qualidade de vida. Um processo de preservação leva em conta os múltiplos interesses, tanto individuais, quanto coletivos, buscando compatibilizá-los aos interesses sociais.

No Bairro Fundinho a preocupação em preservar o espaço se inicia por volta da década de 1980, quando foi elaborado um anteprojeto de lei: “Lei de Uso e Ocupação do Solo – Área do Fundinho”⁸⁸, que proibia a verticalização do espaço, momento em que o bairro estava passando por um processo de mudanças com construções de vários arranha-céus. Essa proposta de preservação tinha como objetivo resgatar a identidade e preservar a memória do local. Consta ainda nessa lei, a preservação e revitalização do Fundinho, delimitando a área de interesse histórico a proibição da verticalização e a conservação do gabarito das ruas.

O crescente interesse de preservação do Fundinho está presente nas páginas do Jornal Fundinho Cultural, no qual os desejos dos moradores e dos comerciantes do lugar que sempre estão se reunindo para discutirem sobre os problemas relativos ao bairro são expressos. Esses novos sujeitos que passaram a fazer parte do cotidiano do bairro estão preocupados em preservarem a cultura do lugar, pois esse é um atrativo que chama atenção, dessa forma, se o bairro perder todas suas características tradicionais ele deixa de ser atrativo, visto que a presença tradicional do bairro é que chama atenção do público. Partindo desse princípio, alguns dos comerciantes tentam preservar principalmente as características originais da parte exterior de seus estabelecimentos, mas junto a isso essa arquitetura recebe alguns elementos modernos, o que é caracterizado de revitalização do espaço.

Esse crescente interesse de revitalizar o lugar vai dando uma nova figuração para o bairro, pois locais que antes eram residências passam a ser comércio e esse convívio com as novas funções do espaço dá uma nova significação para o lugar, que agora além de possuir espaços residenciais, a maior atenção está destinada aos comércio. E de acordo com o discurso conciliador, o moderno que (dá novas re-significações para o espaço) e o tradicional convivem “harmoniosamente”, visto que as pessoas envolvidas nesse processo “têm o mesmo ideal de preservação”.

Percebe-se que o ideal do jornal *Fundinho Cultural* é fazer a divulgação do Bairro Fundinho como um cenário único, com a intenção de transformá-lo em um lugar turístico. Local onde as pessoas possam ter acesso ao que é histórico e cultural e, ao mesmo tempo, aos

⁸⁸ ATTUX, Denise. *Revitalização Urbana em Centros Históricos: Estudo de Caso do Bairro Fundinho*. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Área de Concentração em Análise e Planejamento Sócio-Ambiental. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Geografia, Uberlândia (MG), 2001. p.122 e 144.

comércios, onde podem ser adquiridos o que há de novidades e antiguidades. E isso indica que o interesse dos arquitetos e comerciantes é revitalizar o espaço do Bairro Fundinho, dar uma nova vitalidade para o local. De acordo com Simões Junior, dar uma nova postura nessas intervenções urbanísticas:

"... a revitalização implica ações visando resgatar a identidade histórica de partes significativas da cidade, valorizando seu conteúdo simbólico face à memória coletiva, reabilitando e requalificando seus espaços e imprimindo uma nova dinâmica na sua vida cotidiana, através do incentivo às atividades de lazer para o cidadão, com ênfase nos aspectos culturais e turísticos".⁸⁹

O Jornal Fundinho Cultural é como se fosse um guia turístico que divulga a história da cidade de Uberlândia e ao mesmo tempo faz a divulgação do comércio existente no Fundinho como os bares, restaurantes, lojas, ateliês, escolas, agências de turismo, enfim de tudo se pode encontrar no Bairro Fundinho, espaço divulgado pelo jornal Fundinho Cultural:



Propaganda 1: Fundinho cultural. Ano I, Nº 1 – fevereiro de 2002 . p.6

Propaganda 2: Fundinho Cultural. Ano III, Nº 7 – abril de 2004. p.13.

⁸⁹ SIMÕES JR., José G. Apud. ATTUX, Denise. *Revitalização Urbana em Centros Históricos: Estudo de Caso do Bairro Fundinho*. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Área de Concentração em Análise e Planejamento Sócio-Ambiental. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Geografia. Uberlândia (MG), 2001. p.165.

Nas reportagens a questão da preservação do espaço ocupa lugar de destaque pelos comerciantes e pelos moradores do lugar. O jornal chama a atenção sobre a preservação da arquitetura original que está sendo ocupada por um estabelecimento comercial. Isso está presente nas páginas do jornal:

*“Mais uma edificação da década de quarenta, no Bairro Fundinho, mereceu cuidadosa restauração”. Respeitando suas características originais(...) um imóvel situado na tradicional Rua Felisberto Carrejo, recebeu impecável tratamento. Houve a conservação e poda das árvores existentes e incorporou um moderno estacionamento. Um belo trabalho de jardinagem e paisagismo contemporâneo só fez valorizar ainda mais essa residência, de cerca de sessenta anos, agora, um moderno escritório de arquitetura”.*⁹⁰

Nesse artigo do jornal aparece a questão da preservação em que a construção com cerca de sessenta anos teve um tratamento especial, dessa forma expressa-se o quanto a preservação é de grande importância para o lugar e, ao mesmo tempo, o jornal traz à tona a questão da revitalização do espaço, onde o antigo convive com o moderno, ganhando novas significações, como nesse espaço, que antes era uma residência familiar e que agora passa a ser um local comercial. E esse espaço também ganhou um novo toque de modernidade com a jardinagem deixando a entender que o antigo pode muito bem conviver com o moderno, e que os espaços podem ser transformados e ganharem novos significados sem que ele se descaracterize. E sempre que surge um novo estabelecimento comercial no bairro Fundinho é divulgada no jornal a importância que se dá em relação preservação do imóvel ocupado. De acordo com o jornal, observa-se que está ocorrendo uma mudança de postura em relação ao bairro e que alguns arquitetos e decoradores estão envolvidos na questão da preservação, restaurando assim os espaços que antes eram residências e que agora passam a ter uma nova função.

Neste capítulo procurei desenvolver a idéia da revitalização, falando de como as práticas culturais realizadas no Bairro – como a festa do Congado, as Feiras, os eventos organizados pela Oficina Cultural e outras manifestações que partiram de iniciativas privada, dos moradores e do poder público, – colaboraram para a construção da idéia de um bairro revitalizado, bem como as noções de preservação no tempo presente. Dessa forma o bairro

⁹⁰ LIMA, Hêlvio. *Preservação no Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 07, ano III, abril de 2004, p. 13.

aparece como um lugar diversificado onde existe uma diversidade de formas de se relacionar com o bairro, atribuindo sentido às suas experiências.

Considerações Finais

O Jornal Fundinho Cultural demonstra, através de seus artigos e entrevistas, o quanto o bairro vai se transformando em um espaço comercial, mas que ao mesmo tempo tem uma convivência ‘pacífica’ com os moradores do local. O artigo “*A magia do Fundinho*” trata o bairro como um local especial, por ser um lugar que atrai comerciantes e por permanecer algumas vivências dos antigos moradores. Esse artigo do artista plástico Hêlvio de Lima mostra que:

*“Com o Charme dos locais embalados pelo mágico encantamento, o Fundinho vem adquirindo, características únicas de um bairro elegante, histórico e cultural, que o tornam cada vez mais envolvente e sedutor. A releitura do fundinho incursionando pelos novos conceitos da modernidade inclui e nucleia os empreendimentos e os empreendedores que chegam atraídos pelo lugar. Conservando a dinâmica própria dos quarteirões menores e arborizados, o clima agradável e a generosa simpatia das pessoas que habitam”.*⁹¹

Esse artigo mostra o quanto o Bairro Fundinho está se tornando atração para estabelecimentos comerciais no local, já que o bairro tem características únicas de ser histórico e cultural e ao mesmo tempo de ser um local aconchegante que conta com a simpatia dos seus moradores, assim, o bairro aparece como um espaço diferenciado em que o moderno e o antigo convivem lado-a-lado de forma harmoniosa.

Outro artigo do Jornal Fundinho Cultural intitulado de “*Um Novo Shopping... No Fundinho*” chama a atenção para a exclusividade do bairro, mostrando assim, o que as lojas têm de melhor, sendo comparadas com as lojas mais sofisticadas de São Paulo. Ao mesmo tempo esse tipo de reportagem revela o tipo de consumidor que frequenta o bairro, mostrando que existe uma certa exclusividade. Pois os produtos que são vendidos nos espaços do Fundinho não podem ser acessíveis a grande parte da população. E as pessoas que passam a fazer parte do cotidiano do bairro são os próprios moradores do local, que amam esse espaço, os donos dos estabelecimentos e os consumidores exclusivos, e a grande parte da população da cidade continua desconhecendo que existe um bairro em Uberlândia que abriga grande parte do Patrimônio Histórico e Cultural da cidade.

⁹¹ LIMA, Hêlvio. *A magia do Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 09, ano IV, março de 2005, p.2.

Esse artigo revela quanto os estabelecimentos comerciais do bairro tem apresso por uma clientela exclusiva:

*“Os uberlandenses agora, além dos shoppings já conhecidos, têm mais opções que atendam ao seu bom gosto: variados artigos, exclusividade, chic, tudo se encontra nas lojas do Fundinho(...). O prazer visual é imenso quando caminhamos pelas ruas do Bairro Fundinho. Os espaços de bom gosto se multiplicam. Mostram o Fundinho dos novos tempos, onde o refinamento e o chic se encontram”.*⁹²

O artigo mostra ainda que quanto aos estabelecimentos do Bairro Fundinho são sofisticados, pois, além de oferecer uma grande variedade de produtos, também contam com a exclusividade e o refinamento e são esses os estabelecimentos que vão ocupando espaço por todo o bairro. O tradicional do bairro convive com o chic do moderno, o que de acordo com o jornal dá ao local um charme, que chama a atenção da camada exclusiva da sociedade.

Mas é importante ressaltar que existe um jogo de interesses da sociedade, pois os antigos moradores lutam para preservarem o local por causa de seus sentimentos, e os comerciantes pretendem conservar o local para chamar atenção de seus clientes, por darem a eles exclusividade e conforto na prestação de serviços. Esses interesses convivem juntos, apesar do comércio ter mudado a rotina do local. Todos estão em busca de um objetivo de preservação e de segurança para o local e dessa forma convivem os jogos de interesses uns divulgando suas histórias de vida e sentimento pelo espaço e outros divulgando o espaço como um local eclético e que se encontra de tudo, principalmente no que se diz respeito à exclusividade e refinamento.

Quando o *Jornal Correio* traz um artigo sobre o *Jornal Fundinho Cultural*⁹³ acaba reforçando essa idéia do Bairro Fundinho ser um lugar diferenciado por apresentar uma diversidade de serviços de utilidade pública e por ser um lugar histórico e cultural, onde conta com a presença de importantes personagens que fazem parte da história do Fundinho.

E como esse jornal é patrocinado pelos comerciantes do Bairro Fundinho são feitas propagandas desses novos estabelecimentos que vão surgindo dia-a-dia no bairro. Mas, quando tive a oportunidade de conversar com a esposa do Sr. Hêlvio de Lima percebi que ela não é a favor do surgimento dessa grande quantidade de estabelecimentos comerciais no bairro. Pois, para ela, muitos arquitetos não têm uma consciência de preservação e acabam

⁹² ATTÍE, Lúcia Fonseca. *Um novo Shopping... no Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 08, ano III, setembro de 2004, p.6.

⁹³ PIGGHINI, Edvaldo. *“Fundinho Cultural” divulga história*. Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia, nº 20.578, ano 68, 16 agosto. 2006. A-6.

demolindo construções antigas e construindo novos espaços. E ainda mais que de acordo com ela o bairro apesar de aparentar certa tranquilidade, hoje convive com a violência comum a toda a cidade, como os assaltos às lojas e pessoas que transitam pelas suas ruas.

Hoje no Bairro Fundinho, constantemente surgem novos espaços como ateliês, boutique, salão de beleza, restaurantes, faculdades, diversos tipos de escolas, escritórios de arquitetos, de turismo, decoradores, etc. Dessa forma os antigos moradores do lugar vão convivendo com essas permanentes mudanças que estão ocorrendo dia-a-dia. Alguns comerciantes do Bairro Fundinho têm como objetivo a preservação do bairro e para isso conta com o apoio das pessoas ali residentes.

Como o Bairro Fundinho é o mais antigo da cidade e guarda muito da história de Uberlândia, tanto nos bens imóveis quanto nas memórias das pessoas mais idosas que sempre moraram lá, é necessário que o lugar tenha um tratamento especial e que esse processo de revitalização que está acontecendo no lugar seja para dar vida e valorizar as histórias que estão contidas em cada espaço do Fundinho.

Percebi que o Bairro Fundinho tem um caráter especial e as pessoas o reconhecem como histórico, apesar da grande descaracterização que sofreu ao longo dos anos. Ainda que as vivências no Bairro Fundinho estejam mudando, pelo crescente número de estabelecimentos comerciais, muitas pessoas ainda resistem em ficar no bairro, e preservam seus imóveis. Outras acreditam que essas mudanças são fruto da modernidade e vão se adequando aos poucos a ela, re-elaborando novas formas de vida e continuam a viver no lugar que nasceram. Outras pessoas vão ao bairro em busca de estabelecer seus comércios, em um lugar que é marcado pelas lembranças do passado para obterem seus lucros. Com isso, percebe-se que o Bairro Fundinho hoje guarda uma diversidade de interesses, tanto no que diz respeito ao sentimento, a história do lugar, quanto em relação à ambição de ter um comércio em um lugar que hoje é o metro quadrado mais caro da cidade. Mas acredito que o que vale a pena mesmo é a preservação do lugar, a liberdade de todas as pessoas poderem desfrutar desse espaço com tranquilidade, aonde os antigos moradores possam livremente circular pelas ruas estreitas e cheias de recordações, e conversarem com seus amigos a cada encontro, recordando os momentos felizes que ali viveram.

Referências Bibliográficas

- ATTUX, DENISE. *Revitalização Urbana em Centros Históricos: Estudo de Caso do Bairro Fundinho*. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Área de Concentração em Análise e Planejamento Sócio-Ambiental. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Geografia. Uberlândia (MG), 2001.
- BONETTI, Michel. Reconstrução do Espaço Público – A Problemática da Gestão Política e da Gestão Urbana. In: *Projeto História Espaço e Cultura*. São Paulo. Ed: Edusc, nº 18. Maio/99. Tradução de Karim Khoury.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed: EDUSP, 2000.
- FUNDINHO: *Um Bairro Histórico para Uberlândia. Inventário e Diretrizes Especiais de Uso e Ocupação do Solo*. Realização: Secretaria Municipal da Cultura; Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano; Secretaria Municipal de Trânsito e Transportes; Divisão de Memória e Patrimônio Histórico. Execução: Laboratório de Projetos e Design, Arquitetura e Urbanismo; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, setembro 2004.
- KOURY, Yara Maria Aun. Narrativas Orais na Investigação da História Social. In: *História e Oralidade*. São Paulo: EDUSC, 1981, nº. 0. 1981.p. 99-103.
- _____. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ed. Ática, 2ª edição, PUC, São Paulo.
- _____. Arquitetura e Arte nas Mutações da Cidade. In: *Projeto História: Espaço e Cultura*. São Paulo. Ed: Edusc, nº 18. Maio/99. P. 65-67.
- LIMA, Soene Ozana. *Visões/ Concepções sobre o patrimônio histórico em Uberlândia, 1950 – 1988*. Programa de Pós-Graduação em História. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia (MG), 2007.
- MACIEL, Laura Antunes. Produzindo Notícias e Histórias: Algumas Questões em Torno da Relação Telégrafo e Imprensa – 1880/1920. In: *Muitas Memórias Outras Histórias*. São Paulo: editora Olhos d'Água, 2004. p.15.
- Patrimônio Cultural. Que bicho é esse? !* Realização: Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia e Comphac. Base de elaboração: IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; IEPHA/MG – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas

Gerais. Editoração e arte: Márcio Arantes. Tiragem: 3.000 exemplares. Impresso no Brasil, Uberlândia, Janeiro de 2007.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: *Revista Projeto História*. São Paulo: EDUSC – Editora da PUC, S.P. nº 14, fev. 1997. p. 25-39.

_____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Revista Projeto História*. São Paulo: EDUSC – Editora da PUC, S.P. nº 15, abr. 1997. p. 13-49.

RAMINELLI, Ronald. “História Urbana”. In: *Dominios da História: Ensaios de Teorias e Metodologia*/Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (org). – Rio de Janeiro: Ed. Elsever, 1997 – 14ª Reimpressão. P. 185-202.

TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central*. História da criação do Município de Uberlândia. 1º Ed. Uberlândia Gráfica Ltda, 1970. (Volume 2).

Fontes

Entrevistas

LIMA, Hélvio de. Depoimento sobre as transformações e vivências no Bairro Fundinho. Uberlândia-MG, 2007. 1 arquivo de áudio. Duração (1h15 min.). Entrevista concedida a Geisane Martins Rodrigues.

MÁRQUEZ, Maria Aparecida. Depoimento sobre as transformações e vivências no Bairro Fundinho. Uberlândia-MG, 2007. 1 arquivo de áudio. Duração (2h10 min.). Entrevista concedida a Geisane Martins Rodrigues.

PAUL, Jorge Henrique. Depoimento sobre as transformações e vivências no Bairro Fundinho. Uberlândia-MG, 2007. 1 arquivo de áudio. Duração (1h30 min.). Entrevista concedida a Geisane Martins Rodrigues.

VIEIRA, Odeth Guimarães. Depoimento sobre as transformações e vivências no Bairro Fundinho. Uberlândia-MG, 2007. 1 arquivo de áudio. Duração (50 min.). Entrevista concedida a Geisane Martins Rodrigues.

Jornal Correio de Uberlândia

Caderno Cidades. *Bucólico X Moderno*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 16877, 28 mai. 1995, p.07.

Caderno Especial. *Tradição e Glamour fazem crescer a fama do Fundinho*. Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia, nº 20.228, ano 67, 30 agos. 2005. A-18.

Caderno Revista. *“Noite Cultural Movimenta o Fundinho”*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 19.061, ano 64, 11 jun. 2002. D-1.

Caderno Revista. *Feijoada será realizada em prol do fundinho*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 19.102, ano 64, 27 set. 2002. D-6.

Caderno Revista. *Noite Cultural Movimenta o Fundinho*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 19.061, ano 64, 11 jun. 2002, p. D. 01.

Caderno Revista. *O anonimato das artes plásticas populares*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 17.710, ano 58, 05 fev. 1998, p.15.

Caderno Revista. *O anonimato das artes plásticas populares*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 17.710, ano 58, 05 fev. 1998, p.15.

CHAVES, Frenéia. *Aposentada observa o crescimento do bairro*. Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia, nº 20.459, ano 68, 19 abr. 2006. B-02.

CHAVES, Frenéia. *Investimentos no Bairro Fundinho mescla tradição e luxo*. Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia, nº 20.459, ano 68, 19 abr. 2006. B-02.

DECONTO, Jaime. *Patrimônio Histórico: Falta de memória é criticada por profissionais*. Jornal Correio do Triângulo, Uberlândia, nº 15.666, 23 jun. 1991, p. 23.

Folha Política. *O Fundinho está "Vivo" e o Centro "Deteriorado"*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 18364, ano 60, 19 mar. 2000. A-3.

Folha Política. *O Fundinho está "Vivo" e o Centro "Deteriorado"*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 18364, ano 60, 19 mar. 2000. A-3.

Folha Política. *O Fundinho está "Vivo" e o Centro "Deteriorado"*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 18364, ano 60, 19 mar. 2000. A-3.

GUERRA, Sabrina. *Fundinho se afirma como centro de compras e lazer*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 19.455, ano 65, 12 jan. 2003. A-7.

GUERRA, Sabrina. *Mudança divide os antigos moradores*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 19.455, ano 65, 12 jan. 2003. A-7.

MARTINELLI, Sérgio. *Anteprojeto que proíbe construção de edifícios no Fundinho*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 14.357, ano XLIX, 23 abr. 1986, p.01.

MARTINELLI, Sérgio. *Vereadora elogia parecer de entidade sobre o "Fundinho"*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 14.362, ano XLIX, 30 abr. 1986, p.06.

MARTINELLI, SÉRGIO. *Zaire inaugurou as obras de remodelação da Praça Rui Barbosa*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 13.961, ano XLVIII, 05 set. 1984, p.06.

NAVES, Janaína. *Fundinho Passa por Inventário*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 19.266, ano 64, 12 jan. 2003. C-2.

NAVES, Janaína. *O anonimato das artes plásticas populares*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 17.710, ano 59, 5 Fev. 1998.

PESSOA, Carlos Alberto de Lima. *A Falta de História é Criticada por Profissionais*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 15560, 06 jun. 1991, p.23.

REGINA, Márcia. *"Fundinho" resguarda a memória da cidade*. Jornal Correio do Triângulo, Uberlândia, nº 16460, 23 jan. 1994, p.09.

SILVA, Selma. *Daqui ninguém me tira*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 20.092, ano 67, 17 abr. 2005. B-02.

SILVA, Selma. *Daqui ninguém me tira*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 20.092, ano 67, 17 abr. 2005. B-02.

TADEU, Rogério. *Há 66 anos Deusdete Silva trabalha e cultiva amigos no Bairro Fundinho*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 19.819, ano 66, 18 jul. 2004. B-02.

TRINDADE, ARLY. *A História de Uberlândia começa no velho Fundinho*. Jornal Correio Domingo, Uberlândia, nº 77, ano I, 08 abr. 1990, p. A-05.

TRINDADE, Arly. *Moradores da Rua Bernardo Guimarães apontam falhas e querem providências*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 14776, ano XLIX, 02 dez. 1987, p.01.

TRINDADE, Arly. *Obras de Restauração do Coreto da Praça da Prefeitura*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 14.512, ano XLIX, 02 dez. 1986, p.08.

TRINDADE, ARLY. *PAITT inicia obras na Clarimundo Carneiro*. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 14.799, ano XLIX, 05jan. 1988, p.01.

TRINDADE, Arly. *Prédios Tombados; Memória Preservada*. Cadernos do centenário Correio de Uberlândia, Uberlândia, nº 17.753. Agos. 1988, p.10.

Jornal Fundinho Cultural

ATTIÊ, Lúcia Fonseca. *Um novo Shopping...no Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 08, anoIII, setembro de 2004, p.6.

ATTUX, Denise. *Percepção ambiental e revitalização urbana: o caso do bairro fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia nº 05, ano II, abril de 2003, p.13. Esse texto é parte integrante de uma pesquisa realizada no ano de 2000, decorrente da dissertação de mestrado intitulada: *"Revitalização Urbana em Centros Históricos: Estudo de Caso do Bairro fundinho"*.

BIONE, Marcelo Mara. *Uma introdução à Política de Preservação do Patrimônio Cultural*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 03, ano I, setembro de 2002, p. 13.

LIMA, Hέλvio de. *Adélia França é a história do Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 01, ano I, fevereiro de 2002, p. 02-03.

- LIMA, Hélvio de. *Cidinha Márquez. Colecionadora de Memórias*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 12, ano V, Dezembro de 2006, p.3-4.
- LIMA, Hélvio de. *Preservação no Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 07, ano III, abril de 2004, p. 13.
- LIMA, Hélvio de. *A magia do Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 09, ano IV, março de 2005, p.2.
- LIMA, Hélvio de. *Ilzete Dantas Fonseca: Tenho Paixão pelo Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 08, ano III, setembro de 2004, p. 2-4.
- LIMA, Hélvio de. *Neusa Bombonato, a memória do Fundinho nos anos cinquenta*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 07, ano III, abril de 2004, p. 02-03.
- LIMA, Hélvio de. *Palmira Márquez Miranda. Uma figura Exemplar*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 11, ano V, junho de 2006, p.3-4.
- LIMA, Hélvio de. *Segurança para o Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 5, ano II, Abril de 2003, p.14.
- LIMA, Hélvio de. *SOS Fundinho SOS Fundinho. Segurança para o Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 3, ano I, Setembro de 2002, p.2.
- LIMA, Hélvio de. *Eleuza Rezende. As melhores lembranças do Fundinho Antigo*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 09, ano IV, março de 2005, p.2
- LIMA, Hélvio de. *“O Fundinho de ontem, o Fundinho de sempre”*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 08, ano III, abril de 2004, p. 02.
- LIMA, Hélvio. *Feiras mostram leque de opções culturais dos artistas uberlandenses*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 06, ano II, dez. 2003, p. 14.
- LIMA, Hélvio. *Feira Mística*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 06, ano II, dez. 2003, p. 14.
- LIMA, Hélvio. *Festa para os Congadeiros no Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 03, ano I, set. de 2002, p. 11.
- PIGGHINI, Edvaldo. *“Fundinho Cultural” divulga história*. Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia, nº 20.578, ano 68, 16 agosto. 2006. A-6.
- SILVA, Antônio Pereira e LIMA, Hélvio. *Dr. João Pinheiro Braga. 95 anos e muitas lições de vida*. Jornal Fundinho Cultural. Uberlândia, nº 5, ano I I, 04 de abril 2003, p.2-3.
- SILVA, Antônio Pereira e LIMA, Hélvio. *Julieta Cupertino Guimarães. Um exemplo de pessoa moderna*. Jornal Fundinho Cultural. Uberlândia, nº 2, ano I, maio de 2002, p.2 – 3.
- SILVA, Antônio Pereira. *Rua Felisberto Carrejo: Rua da Boa vista*. Jornal Fundinho Cultural. Uberlândia, nº 2, ano I, maio de 2002, p. 4.

SILVA, Antônio Pereira. *Vigário Dantas: uma rua no miolo do Fundinho*. Jornal Fundinho Cultural. Uberlândia, nº 6, ano I, dezembro de 2003, p.3.

VALE, Marília M. B. *Bairro Fundinho e a preservação do Patrimônio em Uberlândia*. Jornal Fundinho Cultural, Uberlândia, nº 05, ano II, setembro de 2003, p. 10.

Documentos em meio eletrônico

Coreto. Localização: Praça Clarimundo Carneiro. Fonte: Inventário de Proteção do Acervo Cultural – Uberlândia/MG. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/midia/documentos/cultura/patrimonio_bens_tombados.pdf> Acesso em: 29/01/2008.

Datas: Disponível: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/cidade_prefeitos.php>. Acesso em 12/01/2008.

Igreja Nossa Senhora do Rosário Localização: Praça Rui Barbosa. Bairro Fundinho. Fonte: Inventário de Proteção do Acervo Cultural – Uberlândia/MG. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/midia/documentos/cultura/patrimonio_bens_tombados.pdf> Acesso em: 29/01/2008. Acervo SECOM.

Oficina Cultural. Localização: Avenida João Pinheiro esquina com Rua Tiradentes. Fonte: Inventário de Proteção do Acervo Cultural – Uberlândia/MG. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/midia/documentos/cultura/patrimonio_bens_tombados.pdf> Acesso em: 29/01/2008.

Plano Diretor do Município de Uberlândia. Lei Complementar. nº 078 de 27 de abril de 1994. Disponível em: <<http://www.profeli.pe.pro.br/dados.htm>> Acesso em: 29/01/2008.

Prefeitura Municipal de Uberlândia. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/cidade_oficina_cultural.ph.p> Acesso em: 28/01/2008.

RICCI, Juliana. Alexandrino Garcia Disponível em: <<http://carreirasempregos.com.br/carreira/administração/entrevistas/280901-algar-exame.shtm>> Acesso: 12/09/2006.

Casa de Dona Adélia França (1928-2005). Localização: Rua Augusto César, nº 101. Bairro Fundinho. Criado por Geisane Martins Rodrigues. Em 28/01/2008. Câmera Digital.

Mapas

Mapa 1:

Mapa 1. São Pedro do Uberabinha em 1898, sem escala. Cópia do mapa elaborado pelo engenheiro James Mellor, em 1898. CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História – Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica.

Mapa2:

Mapa atual de Uberlândia, 2007. Localização do Bairro Fundinho e seus limites. Sem escala. Adaptado. Disponível em: <<http://www.netsabe.com.br/php/index.php>>. Acesso em: 10/12/2007.

Pinturas

Representação 1:

Hélvio de Lima. Capela e Reisado. Técnica Mista (tinta acrílica, pastel oleoso e lápis de cor sobre cartão rígido). 50 x 30 cm. Este trabalho faz parte da série Anunciação que foi exposta em réplicas no Colégio Estadual de Uberlândia em dezembro de 2007 durante o evento Janelas Encantadas e os originais expostos na Galeria Lourdes Saraiva também em dezembro de 2007.

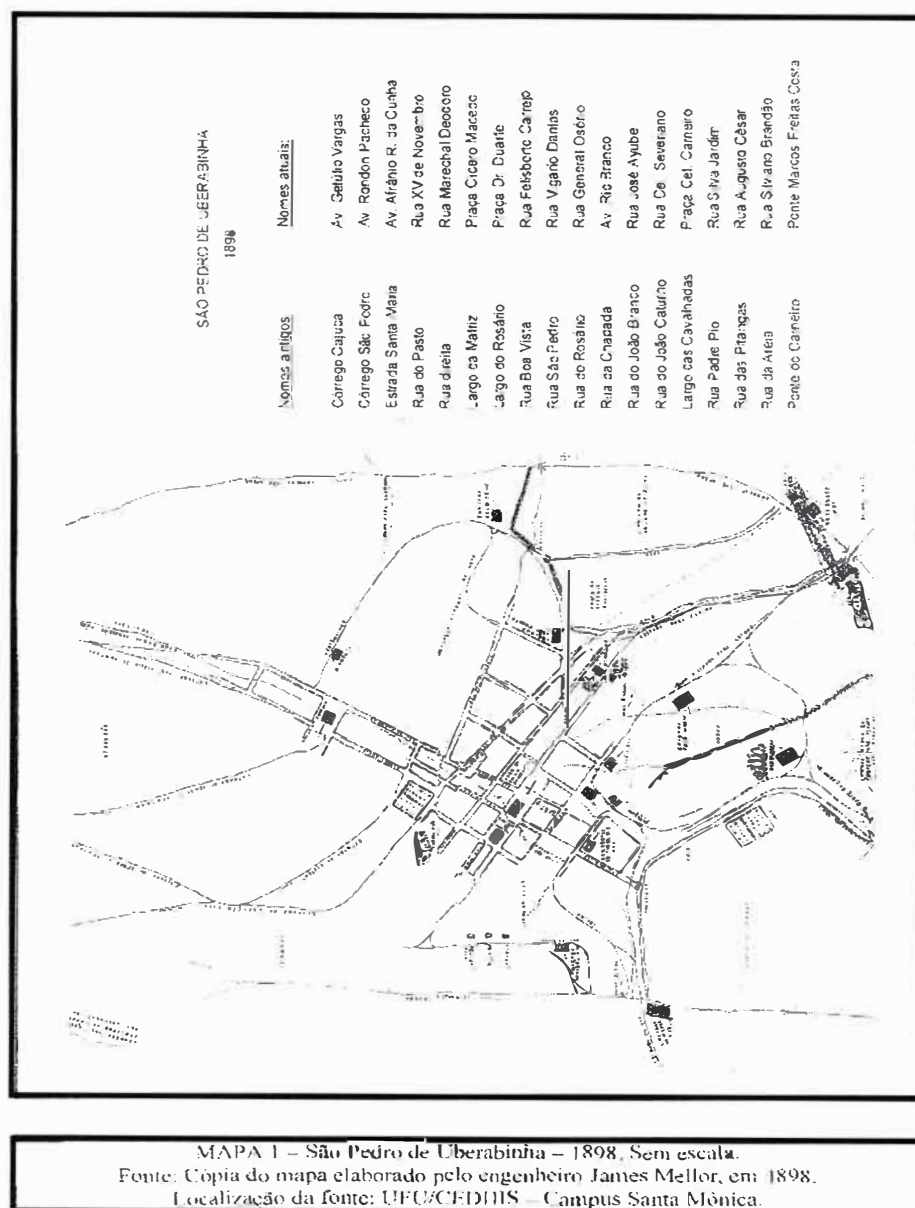
Representação 2:

Hélvio de Lima. Festa no Coreto. 2001. Técnica Mista (tinta acrílica, pastel oleoso e lápis de cor sobre cartão rígido) 30 x 20 cm. Este trabalho faz parte do acervo de uma colecionadora que reside em Nova Jersey. EUA.

ANEXOS

Anexo I

Mapa 1:



Anexo II

Mapa 2:



Mapa atual de Uberlândia, 2007. Localização do Bairro Fundinho e seus limites. Sem escala. Adaptado. Disponível em: <<http://www.netsabe.com.br/php/index.php>>. Acesso em: 10/12/2007.

Anexo III

Quadro de bens Tombados pelo Patrimônio Histórico da Cidade de Uberlândia:	
Imóveis Tombados:	Leis/datas:
Igreja Nossa Senhora do Rosário	Lei nº 4.263 de 09/12/1985.
Coreto	Lei nº 4.209 de 25/09/1985.
Escola Estadual de Uberlândia	Lei nº 9.904 de 13/06/2005.
Igreja Nossa Senhora do Rosário (Miraporanga)	Lei nº 1.650 de 14/10/1998.
Escola Estadual Dr. Duarte Pimentel de Ulchôa	Lei nº 10.126 de 27/03/2006.
Praça Tubal Vilela	Lei nº 9.676 de 27/03/2004.
Estação ferroviária Sobradinho	Lei nº 10.228 de 31/03/2006.
Palacete Ângelo Naguezzi	Lei nº 10.230 de 03/04/2006.
Casa da Cultura	Lei nº 4.217 de 15/10/1985.
Palácio dos Leões- Museu Municipal	Lei nº 4.229 de 25/09/1985.
Oficina Cultural	Lei nº 4.217 de 15/10/1985.
Praça Clarimundo Carneiro	Lei nº 4.209 de 25/19/1985.
Mercado Municipal	Lei nº 8.130 de 29/10/2002.
Residência Chacur	Lei nº 9.183 de 02/06/2003.
Uberlândia Clube	Lei nº 10.223 de 29/03/2006.
Igreja Espírito Santo do Cerrado (Tombada como Patrimônio Hist.Estadual)	Lei s/data.
Imagem nossa senhora do Carmo	Lei nº 10.775 de 23/07/2007.
Fonte: <i>Patrimônio Cultural. Que bicho é esse?!</i> Realização: Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia e Comphac. Base de elaboração: IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; IEPHA/MG – Instituto do Patrimônio. Histórico e Artístico de Minas Gerais. Editoração e arte: Márcio Arantes. Uberlândia, Janeiro de 2007.	